

ANNO

Therezina, 31 de Agosto de 1913 ■ FASC. 2

LITERICULTURA

PUBLICAÇÃO MENSAL

DIRECTOR:

Abdias Neves.

VOL. IV

CASA "ANTONIO BRITO"
(Biblioteca Pública)
TERESINA

SUMMARIO:—*Uma viagem no Piauhi em 1839;*
Alfredo de Carvalho; Primavera, Alcides Freitas;
O milagre, Clodoaldo Freitas; Primavera, João
Pinheiro; O idealismo philosophico e o ideal ar-
tístico, Higino Cunha; Olhos, Zeca Belleza; Ac-
ções ressarcitorias, V. Tito; Folclore piauhiense, Leo-
nidas Sá, Resurrexit, Alcides Freitas.

Imprensa Official

PIAUHI

1913

morro é todo *favado* (9) e que existe no cocuruto do morro uma lagoazinha que se communica com o rio. O facto é que numa certa epoca do anno, quando o calor é intensamente forte, se tem ouvido um estrondar no morro, chegando o povo a dizer que, por essa occasião, as aguas do *poco* fervem, tepidamente (10) e, (ahi é que está propriamente o lado lendario) se ouve moer de engenhos, vêm-se pedaços de carvão, bagaços de canna, ouve-se cantar de gallos, latir de cães e vozear humano. Acredita-se num grande encanto que ainda não pôde ser explicado.

Já ouvi dizer uma vez que o morro é uma grande mina de enxofre, o que sou inclinado a crer. O povo, porém, conta visitas de estrangeiros misteriosos que se contentam em apanhitar algumas pedras do morro, que o mesmo povo supõe enorme riqueza de oiro e diamante.

LEONIDAS SÁ.



Resurrexit

PARA O MARIO COUTO

Alma revive e canta! Ardentes, como outr'ora,
Sorriram-te, a brilhar, aquelles olhos pretos,
E os labios,—um resumo angelical de aurora,
Fallaram-te cantando em amorosos duettos. . .

Despoja-te do mal que os sonhos te minora.
Sacode para longe o tedio dos Hamletos!
Fóra o burel da pena! O arnez da magua fóra!
Por que mais o viver de estranhos amuletos? . .

Dentro de minha mão, que tremia nervosa,
Vibrou, por muito tempo, aquella mão que inflamma,
Aquella mão que é neve, aquella mão que é rosa!

Alma, á vida! ao amor! Teu sofrer é acabado!
Porque se é venturoso o coração que ama,
É muito mais feliz o coração que é amado! . .

Alcides Freitas.

(9) *Favado* é termo sertanejo para significar *sofo*, *afogado*, falto de consistencia, &c.

(10) No Piauhi temos em diversos pontos fontes térmicas. O *Olho d'agua dos Milagres*, em Marvão, o *Olho d'agua do Pobre*, em Oeiras, o *Olho d'agua do Caché*, em S. João do Piauhi, e muitos outros, são aguas minerais de grande valor.

LITERICULTURA

PUBLICAÇÃO MENSAL

DIRECTOR:

Abdias Neves.

VOL. IV

ASSIGNATURAS:

Um anno (para a capital)	10\$000
Para o interior, outros Estados e estrangeiro	12\$000
Numero avulso	1\$000



CASA "ANÍSIO BRITO"
(Biblioteca Pública)
TERESINA

Imprensa Official

PIAUHI

1913



B-A-2

Uma viagem no Piauhi em 1839 ^(*)

(PARA A LITERICULTURA)

III

Como fosse portador de diversas cartas de recomendação para o Barão da Parnahiba, presidente da província, Gardner, ao entrar na cidade, indagou da sua residencia, que lhe foi indicada por um soldado. O Palacio, como era chamado, estava edificado na parte mais alta da cidade, tendo apenas um pavimento e aspecto muito mesquinho. Junto à porta principal estava de sentinelha um dos seres de mais ignobil apparence imaginable. Era um mulato ainda moço, trajando a farda das tropas de Piauhi, que parecia não lhe servido das costas havia bem sete annos; a barretina de panno era velha e sebenta; a blusa, outr'ora azul, constava metade de remendos e metade de buracos e deixava a descoberto o peito nu, traíndo a falta de camisa; as calças eram pouco melhores do que a blusa, e os pés, sem meias, estavam metidos num par de velhas botas, acalcanhadas e estouradas nas pontas. Não fôra o mosquête e a sua attitude perfilada, passaria por um mendigo.

(*) Veja o fascículo de 31 de julho ultimo.

Havia em frente ao edifício uma calçada de poucos pés de largura, em cima da qual o cavallo do viajante, ao esbarrar, assentara as mãos; e antes que pudesse fallar, atirou-se a sentinelha á brida do animal e fê-lo voltar para o leito da rua.

Apeou-se, então, Gardner e dirigiu-se á porta; porém, mal tinha posto os pés na calçada, foi tratado com igual brutalidade e informado de que *"ninguem podia entrar em palacio de esporas"*. Tirou-as, imediatamente e, havendo inquerido si havia mais alguma formalidade a observar, permitiu-lhe a sentinelha o ingresso.

Na ante-camara veiu ao seu encontro um sargento que indagou si desejava fallar a S. Exa. e, dizendo-lhe o naturalista que trazia cartas para o mesmo, declarou que lhe cumpria entregal-as.

Depois de esperar, ali, cerca dum quarto de hora, voltou o sargento e o conduziu a uma espaçosa sala, contendo duas pequenas mesas, um sofá e algumas cadeiras. Não tardou apparecêssse S. Exa. empunhando as cartas, que pediu licença para lêr, ao passo que se desculpava do traço caseiro que, devido ao grande calor, usava na occasião.

O seu vestuário era, certamente, dos mais leves; mas, também, era o usado, em geral, em casa, pelos habitantes da província. Consistia numa tenua camisa de algodão branco caindo sólta sobre um par de ceroulas do mesmo panno, que desciam pouco abaixo dos joelhos; as pernas e os pés estavam nus e estes mettidos nuns chinellos; em volta do pescoço pendiam-lhe diversos rosários com crucifixos e outros penduricalhos de ouro.

«Em quanto elle percorria as minhas cartas, escreveu Gardner, não me pude impedir de escrutinar a apparencia daquelle homem cujo nome era mais afamado, no Norte do Brazil, do que o de qualquer outro, e cujo governo despotico da província de que era presidente lhe grangeou a alcunha de *Francia do Piauhi*. Era de baixa estatura e vigorosamente constituído, sem ser corpulento; o seu olhar revelava actividade muito maior, tanto physica como de espirito, do que o geral dos homens de sua idade no Brazil, pois andava, então, proximo dos setenta annos; a sua cabeça era de notável tamanho e, de acordo com os principios da phrenologia, assás bem equilibrada anterior e posteriormente; na região dos sentimentos moraes era, porém, deficiente e tinha consideravel largura entre as orelhas.

«No decurso da conversação, a sua physionomia tomava uma expressão sinistramente desagradável, não obstante procurasse disfarçá-la, de continuo, com um semi-sorriso. Terminada a leitura das cartas, todas as quaes percorreu attentamen-

te, entrámos em conversa com relação aos fins de minha visita à província, porém, não consegui fazel-o compreender que as minhas colecções botânicas pudessem ter outro destino que não o de serem convertidas em medicamentos e matérias de tinturaria.

«De que os productos da natureza fossem estudados com outro qualquer intuito, além do de sua mera utilidade para o homem, era coisa de que não podia fazer idéa. Logo que lhe manifestei o desejo de permanecer por algum tempo em *Oeiras*, mandou procurar-me uma casa vazia e, como esta não estivesse mobiliada, teve a amabilidade de enviar-me duas cadeiras, uma mesa e um grande pote de barro para agua.»

A cidade de *Oeiras*, então capital da província do Piauí, estava situada num amplo valle circular, de cerca dum alegua de largura, quasi que fechado por uma serie de collinas baixas, compostas dum arenito tenro, de cor alvacentra. Até ao anno de 1762, quando obteve os foros de cidade, era conhecida pelo nome de *Villa da Mocha*, dum riacho que corre perto e, durante todo o anno, fornece farta provisão d'agua, si bem que fortemente impregnada de salitre na estação secca.

Era muito irregularmente edificada, constando dum a vasta praça e de algumas ruas que partiam de suas faces meridional e occidental. A população não excedia de tres mil almas e a sua porção mais importante, não incluindo os empregados publicos, era de negociantes que retallavam mercadorias europeas. A maior parte destas vinha do Maranhão, sendo transportadas em grandes canoas, pelo *Rio Itapicuru*, até *Caxias* e d'allí em diante em costas de animaes. Parte também era assim trazida da Bahia, mas a distancia era demasiada para que semelhantes transportes pudessem ser lucrativos; por isso, faziam-nos apenas os boiadeiros que para ali levavam annualmente gado a vender. Algumas vezes uma lancha solitaria, de vinte toneladas de porte, chegava ao *Rio Canindé*, defronte de *Oeiras*, carregada de sal trazida da villa da *Parnaíba*, florescente povoação, proxima da costa, na margem oriental do rio do mesmo nome, que divide as províncias do Piauí e do Maranhão e é navegavel. Uma destas lanchas chegou durante a estada de Gardner, mas, gastara quasi tres meses para fazer a viagem, de cerca de cem leguas, que só é possível no tempo das chuvas quando a correnteza é tão forte que a embarcação tem de ser continuamente empurrada a varas. Devido á morosidade da viagem e ao numero de homens que exige, é raro terminar uma dessas especulações com resultados compensadores. Recentemente o Sr. Stutz, consul-geral do Brasil na Prussia, havia proposto va-

vegar o rio com um pequeno barco a vapor; mas, varias razões militavam então contra a possibilidade de fazê-lo.

Pensava o botanico inglez não ser provavel que as partes media e meridional da provincia viessem a ser muito mais populosas do que eram então, por quanto, devido à grande seca annual a que estavam sujeitas, a cultura do algodão e da canna ali jamais se poderia desenvolver. Os unicos artigos de exportação eram gados e couros, e os ultimos eram tudo o que um vapor teria a transportar. Com referencia á importação de mercadorias européas, não parecia que o seu tráfico pudesse, cedo, ser desviado do Maranhão para a Parnahiba. O rio, aliás, só poderia ser navegado no inverno, quando a força da correnteza e os numerosos bancos movediços, que diziam conter o seu leito, tornariam o transito tão demorado quão difícil.

A cidade continha tres igrejas, duas das quaes, com quanto já muito antigas, estavam ainda por acabar. Havia, também, outros edificios publicos, como a cadeia, o quartel, a Assembléa Provincial, a Camara Municipal e o hospital; nenhum, porém, era digno de nota, excepto a cadeia, que acabava de ser terminada. Fôra construida sob a direcção dum engenheiro allemão, que residia, havia muitos annos, na província, como empregado do governo; constava de dois pavimentos, condição que só dois outros edificios da cidade possuíam; a parte inferior e as alas serviam de casa de correção e no pavimento superior funcionava o tribunal. No extremo norte da cidade havia um bello e grande edificio caindo em ruinas, que fôra o collegio dos Jesuitas, antes de sua expulsão do Brazil.

As estações eram ali muito regulares e, apesar de só se verem poucos velhos, o clima não era considerado insalubre. No mez de Outubro caiam alguns aguaceiros; mas, as chuvas regulares não começavam antes de janeiro e continuavam até ao fim de Maio; nesta época são frequentes as trovoadas, em extremo ruidosas e, não raro, acompanhadas de accidentes. Entre Crato e Oeiras, Gardner vira diversas arvores grandes lascadas pelos raios, e em Oeiras, confaram-lhe que um fazendeiro, ao voltar duma festa de igreja á sua propriedade, mandara adiante a familia, composta da mulher e de varios filhos, acoinpanhada de escravos, e, ao alcançá-la encontrara todos fulminados pelos raios duma tempestade que passava na occasião.

Os mezes de Maio, Junho e Julho eram os mais agradaveis da estação, porque então cessavam as chuvas, tudo continuava fresco e verde, e a atmosphera mantinha-se relativamente fria, devido ao forte vento S. E., que dominava

naquelle periodo do anno. Depois do mez de Julho occorria uma grande mudança: toda a região começava a tomar um aspecto secco e arido, a reiva e outras plantas herbaceas fanavam, e as arvores e arbustos perdiam as folhas? Nesta época cessava o refrigerante vento S. E., e seguiam-se calmarias e brisas ligeiras e variaveis, dando motivo ao ar ficar tão aquecido que ninguem sahia de casa, salvo por necessidade.

As principaes molestias reinant na cidade e nos seus arredores, eram febres intermitentes e malignas, particularmente no principio e no fim da estação chuvosa; cessadas as chuvas e quando soprava o vento S. E. eram frequentes as affecções do peito e occorriam muitos casos de ophtialmia; por negligencia, ou devido a tratamento erroneo, esta molestia cegava muita gente. A enfermidade, porém, que o medico inglez teve mais frequentemente de tratar, foi a dyspepsia, sob varias formas; havia tambem muitos doentes de asthma e de paralysia. Ao tempo de sua visita, *Oeiras* contava com dois medicos residentes e com uma pharmazia, pobramente provida de medicamentos velhos e de qualidade inferior. O mais velho dos dois medicos, o Dr. José Luiz da Silva, pessoa inteligente e amavel, de quem Gardner recebeu muitas attenções, occupava o cargo de cirurgião-mór e a direcção dum pequeno hospital, quasi que exclusivamente reservado aos militares. Era portuguez de nascimento e, na mocidade, servira como cirurgião na armada de seu país. Havia então trinta e seis annos que residia em *Oeiras* e era pae de numerosa e respeitável familia. O outro, um moço brazileiro, formado na Bahia, era pouco instruido e de indole desagradavel; foi assassinado em plena rua, alguns mezes depois da partida do nosso naturalista.

Com quanto ambos estivessem habituados a tratar molestias em geral, nenhum delles possuia a habilidade, e consequente coragem, para tentar qualquer operação seria, não obstante haver muitos casos que a exigiam. Assim teve Gardner ensejo de executar diversas operações em que, na Inglaterra, poucos jovens cirurgiões poderiam se ensaiar. As mais importantes foram de cataractas e de lithotomia; effectuou tres vezes a primeira, com resultado satisfatorio apena em um caso que, ainda assim, produziu tamanha surpresa entre aquella gente simples, como um cego recuperar a vista, que a noticia da cura se espalhou por toda a província com proporções dum quasi milagre. Tambem executou tres vezes a extracção de pedras da bexiga, sempre com o melhor sucesso; foram estes, aliás, os unicos casos desta enfermidade que observou em todo o decurso de sua viagem. D'ahi con-

cluir que, indubitavelmente, o achaque era muitíssimo raro no país, sem, porém, poder dizer a causa disto. O seu primeiro paciente foi um preto livre, de constituição robusta, e cerca de trinta annos de idade. Causou-lhe admiração a rapidez com que a ferida cicatrizou, apesar de ser facto universalmente observado em gente daquella cor. O segundo foi um pobre mulato, que morava numa casinha de palha nos suburbios da cidade. Ambos estes miseráveis clientes fizeram tudo por manifestar a sua gratidão ao medico, que, porém, nada quiz receber delles. O terceiro caso foi o mais importante de todos: o paciente era homem de quarenta e cinco annos de idade e um dos mais abastados negociantes do logar. Cerca de nove annos antes fôra tratado de estreitamento da urethra pelo cirurgião-mór, quando sucedeiu ficar-lhe na bexiga parte dum sonda de chumbo, formando o nucleo do cálculo, que lhe causava os mais pungentes sofrimentos. «Consultou-me logo que cheguei, refere Gardner,—quando assegurei-lhe que só uma operação poderia livral-o daquelle supplicio; mas, sendo de índole timida, só se resolveu fazê-la depois que soube do sucesso dos dois outros casos. Auxiliado pelo meu amigo o cirurgião-mór, consegui, felizmente, extraír-lhe a pedra, que media quasi duas pollegadas de comprido. Isto ocorreu cerca dum mez antes da minha partida, quando o deixei já restabelecido, ao ponto de poder andar no seu quarto. Dezoito mezes depois, recebi, no Rio de Janeiro, uma carta na qual me informava estar de perfeita saúde e me dava mil graças pelo beneficio que lhe tinha feito. Antes de partir recompensou-me com trezentos patacões, dois bons cavallos e muitos outros objectos necessários á viagem que eu ia empreender».

IV

A província do Piauhi enviaava, então, dois deputados á Assembléa Geral do Imperio; mas, em tudo que dizia respeito á administração interna, o Barão da Parnahiba governava com autoridade despotica. Occupava a presidência desde a proclamação da independencia do Brazil, com excepção dum curto periodo, quando um outra pessoa foi enviada para o substituir, mas, que pouco tempo permaneceu no cargo, — falecendo de repente e em circunstâncias suspeitas. Desde esta época, enquanto que os presidentes dos outras províncias eram mudados todos os dois ou tres annos, elle tinha sido conservado em exercício. Era antes temido do que respeitado pela massa da população e, em caso da necessidade, podia dispor, entre amigos e adherentes, de 2000 dedicados partidários; tinha sempre á mão individuos promptos e

decididos a cumprir as suas ordens, fosse qual fosse a sua natureza. A firmeza de sua administração tinha-lhe criado muitos inimigos, especialmente devido á execução de certas leis provincias; neste particular urgia, porém, confessar, em seu favor, que estas providencias visavam, sempre, o beneficio das classes mais pobres; assim haviam prohibido seus principaes generos de alimentação, que eram a carne e a farinha, fossem vendidos na cidade acima de um preço fixo e, aliás, muito modico; todavia, cuidava sempre em mandar todo o gado de sua propriedade para a Bahia e outros mercados distantes e mais remuneradores, para o que dispunha de abundantes facilidades. Apesar de geralmente mal informado, possuia em alta dose predicados de manha e de astucia, qualidades urgentemente requeridas para a manutenção do despotismo com que governava a província, e podia ufanar-se de mantel-a num estado de paz e de tranquillidade maior do que o de quasi todas as outras circunscripções politicas do imperio. Era devéras para extranhar que, possuindo tantos inimigos, só uma vez tentassem assassinal-o, facto sucedido cerca dum anno antes da visita de Gardner.

A 17 de janeiro de 1838, quando regressava duma de suas fazendas, ao chegar á meia legua da cidade, dispararam-lhe um tiro de emboscada, alcançando-lhe a bala um homem. Os assassinos, po's eram dois, fugiram, imediatamente, e unidelles foi dos primeiros a ir congratular-se com o Barão por ter tão providencialmente escapado á morte. Logo saíram numerosas partidas a bater as matas em perseguição aos delinquentes, sendo encontrado, oculto entre uns arbustos, um preto que, trazido preso para a cidade e interrogado, confessou ter tomado parte na emboscada, mas, que o tiro fora disparado por um certo Joaquim Seleiro, mulato deste officio e morador em casa do Barão. Este individuo era tido por homem de mäus bofes e muito violento: sabia-se também que, poucos dias antes, o Barão o ultratrára, sem causa justificada. Ao ser denunciado, andava elle pelo mato á frente duma das partidas em busca dos criminosos e não foi pequena a sua surpresa quando, de regresso, se viu preso. Persistiu, porém, firmemente, em afirmar a sua innocencia, na qual muito poucos acreditaram. As leis do pais não puniam com a pena capital uma mera tentativa de homicidio; por isso foi recolhido á cadeia, e ali falleceu, vinte e seis dias após a perpetração do crime, em meio de circunstancias que geraram boatos suspeitos.

«Os que se interessam pela historia do Brazil, escreveu o naturalista, devem certamente apreciar um breve esforço da vida de um homem tão extraordinario como foi o Barão da

Parnahiba, cujo nome está intimamente ligado ao estabelecimento da independencia nas provincias do Norte^a.

Seu pae era natural dos Açores e vièra pobrissimo para o Brazil; mas, cedo casou com uma senhora que possuia alguns bens e da familia resultante desta união Manoel de Souza Martins foi o primogenito, tendo nascido em 1776. A sua unica instrucción consistiu em apprender a lêr e a escrever, em adquerir rudimentos da arithmetica. Serviu primeiramente de vaqueiro ao pae, que falleceu quando elle tinha apenas vinte annos de idade, legando-lhe uma fazenda avaliada em 1500 cruzados. Durante a infancia fôra criado por uma madrinha que, por morte, lhe deixou outra fazenda de igual valor.

Depois do falecimento do pae, não satisfeito com a ocupação de vaqueiro, começou a comprar gado no intuito de levá-lo a vender na Bahia, onde continuou a ir todos os annos até á epoca da Independencia; mas, não deixou, jamais, de enviar, annualmente, boiadas áquelle mercado. Bem mōço ainda alistou-se na cavallaria de milicias, sendo logo promovido a cabo, posto que ocupou durante muitos annos; passou depois a alferes e foi nomeado thesoureiro do erario. Nestas ocupações conservou-se até ao periodo das agitações separatistas do Brazil, gosando de muito pouca influencia na província e sendo mais conhecido pelo seu espirito manhoso e maneiras grosseiras, do que por predicados mais nobres. Tinha por habito cumular de presentes e de attenções a todas as autoridades superiores, como governadores e juizes, obsequiando-os constantemente e provendo-os de arrieiros, animaes e viveres, nas suas viagens da costa á capital. Por estes meios lograva captar-lhes as sympathias, encontrando sempre nellas decidido apoio, qualquer que fosse a sua orientação política. Catholico fervoroso, não perdia occasião de manifestar o seu zelo religioso, mostrando-se muito amigo do clero, disputando a direcção das festas de igrejas, nas quaes não duvidava dispender quantias avultadas, e assim assegurava-se a protecção dos padres.

Ao tempo do movimento constitucional em Portugal, as grandes províncias do Brazil eram administradas por Governadores-Geraes, e as menores por simples Governadores, que todos dispunham de poderes mais ou menos despoticos. Naquella epoca, estava á frente da província do Piauhi Elias José Ribeiro de Carvalho, portuguez de nascimento; mas, logo depois de proclamida a Constituição na mãe-patria, foi chamado a Lisboa, e a administração ficou a cargo dum Governo Provisorio, composto de seis membros, um dos quaes era Souza Martins. Tambem por este tempo chegou a Oeiras, vindo do Rio de Janeiro, como governador das armas da pro-

vincia, o Major Fidié, que pouco depois se celebrizou pela sua oposição á causa da independencia; contemporaneamente, tambem, D. Pedro I fundava o imperio do Brazil. Esta noticia, porem, demorou muito em chegar do Rio á longinqua provincia, e ao ter conhecimento della, Fidié, leal ao juramento prestado a D. João VI, que o enviára ali, e supondo tratar-se apenas dum agitação passageira, oppôz-se, firmemente, fósse proclamada em Oeiras; sabendo, igualmente, que a villa da Parnahiba adherira á separação, reuniu todas as tropas e milicias dispensaveis e marchou contra os habitantes daquelle logar, apesar de já haver recebido do governo central a injuncção de proclamar em Oeiras a independencia do país. De quasi todas as provincias vizinhas chegavam cartas ás pessoas mais notaveis da capital, informando-as dos progressos do movimento libertador e concitando-as a abraçar a mesma causa; mas, todas se recuzaram a acceder, declarando-se partidarias inflexiveis de D. João VI.

Nesta occasião, o prestigio de Souza Martins era ainda tão diminuto que nenhuma destas cartas lhe foi ditigida; mas, ao seu espirito arguto não escapou a oportunidade de se salientar e, pelo mesmo portador daquellas cartas, escreveu para o Ceará e outros logares, manifestando-se disposto, com muitos amigos, a dar todo o seu apoio á independencia.

Pouco depois da partida de Fidié para a Parnahiba, chegaram as respostas ás ditas cartas, urgindo o futuro Barão a levar a effeito os seus patrióticos designios.

Neste intuito fez, imediatamente, prender a todos os membros do Governo Provisorio, que então se achavam em Oeiras, e recolhê-los á cadeia, juntos com muitas outras pessoas suspeitas de pertencer ao partido contrario. Os habitantes de Parnahiba, sabendo que Fidié marchava contra elles, reuniram-se e saíram a encontrar-o no caminho; o combate teve lugar em Campo Ma'et, cerca de meia distancia de Oeiras a Parnahiba, onde, com facilidade, Fidié derrotou completamente os adversarios, perdo e sem fuga.

Entretanto, Souza Martins empregava os maiores esforços para reunir gente contra Fidié, seu inimigo mais temeroso. Afim de dar maior prestigio á sua autoridade, proclamou-se presidente da provincia e, sob o pretexto de que Fidié estava a regressar a Oeiras, urgindo por isso pôr a bom recato os fundos publicos, apoderou-se do erario, que, no momento, estava bem provido de numerario. Cortaria, geralmente, que nunca prestou contas satisfatorias do emprego desses dinheiros, e era certo que, daquelle epoca, davam as bases da immensa fortuna que, depois, veiu a possuir.

Immediatamente comunicou para o Rio de Janeiro estes actos e, em recompensa, foi confirmado, por D. Pedro, na presidencia, promovido a coronel da milicia, enquanto que o seu irmão era nomeado governador das armas, em substituição a Fidié.

Este, não querendo voltar a Oeiras, cuja população se lhe manifestara hostil, marchou logo para a villa de Caxias, a mais florescente do interior da província do Maranhão e que ainda se mantinha fiel á causa portugueza. As forças imperialistas de Oeiras, tendo feito juncção com os vencidos de Campo-Maior e reforçadas por 2500 homens do Ceará, seguiram, então, ás ordens do presidente do Piauhi e de seu irmão, contra Caxias, onde Fidié, com apenas 250 defensores, lhes resistiu por espaço de onze mezes, e só capitulou quando a fome o reduziu á ultima extremidade. Conduzido prisioneiro a Oeiras, foi d'ali enviado para o Rio de Janeiro, onde recuperou a liberdade e donde voltou a Portugal.

A expedição contra Caxias foi outro incidente propício, segundo dizem, ao augmento da fortuna do presidente, pois, sendo a maioria dos habitantes daquella localidade portuguezes natos e, consequentemente, favoraveis á união dos dois países, eram considerados, por isso, inimigos pelos brasileiros, que os tratavam da peor maneira, roubando-os e matando-os sem misericordia. Afim de salvar as suas vidas e bens, constava que muitos dentre elles haviam pago, por sommas elevadas, a protecção do vencedor, que, assim, diziam ter juntado avultadissima quantia de dinheiro. De volta de Caxias, o imperador elevou-o ao posto de brigadeiro e conferiu-lhe o titulo de Barão da Parnahiba. A inteira direcção dos negócios da província foi deixada entre suas mãos e assim ainda permanecia em 1839, ocupando todos os cargos públicos parentes ou dependentes seus. Por occasião de ser coroado o segundo imperador, foi elle elevado á dignidade de visconde.

«Uma das principaes fontes de receita do tesouro provincial, fere o naturalista, provinha da venda de gado criado nas trinta e tres fazendas reais,» da procedencia e direcção das quaes fez uma descripção evidentemente calcada sobre a de Martius, e verdadeira apesar de decorridos vinte annos, tão inalteraveis se conservam ali os processos administrativos.

Pouco depois da chegad de Gardner a Oeiras, ocorreram graves desordens na vizinha província do Maranhão, que o impediram de proseguir o seu itinerario original em direcção ao Rio Tocantins, desordens cuja causa e desenvolvimento consignou sumariamente. Em Novembro de 1838, as

autoridades de Caxias haviam enviado quatro soldados a prender um criminoso no *Arraial da Chapada*, distante cerca de quarenta leguas. O irmão deste criminoso, um mesticô de nome Raimundo Gomes, mais conhecido pela alcunha de *Cara preta*, ajudado de nove comparsas desarmou os soldados e fê-los voltar. Novo destacamento, muito mais numeroso, foi então despachado para o mesmo fim. Raimundo, porém, tinha engrossado a sua comitiva com grande numero de vagabundos, que jamais faltavam naquelas paragens e sempre preferiam tomar parte em alguma desordem a procurar trabalho regular. Ainda desta vez foram os soldados repelidos. Em pouco tempo, o bando avolumou-se consideravelmente, com escravos fugidos, índios e outros, e começou a pilhar as fazendas próximas.

Informado destas circunstâncias, o presidente da província despachou um troço de trescentos soldados para dispersar os bandidos. Sucedeu, porém, por desídia, ao encontrá-los na Chapada, faltar-lhes munição e terem de se entregar nas mãos de Raimundo. O tenente-coronel, que os commandava, e um capitão foram passados à espada; os demais officiaes e soldados tiveram as vidas salvas, sob condição de se juntarem aos rebeldes, o que muitos fizeram de boa vontade. Raimundo, assim reforçado, tratou de organizar a sua gente e nomeou seus secretarios os officiaes aprisionados, por quanto nem elle nem nenhum dos seus sabia ler ou escrever. É quasi certo que, por esse tempo, elle entaboliou correspondência com certo partido, na capital do Maranhão, que sendo intenso á forma de governo monarchico, pretendia derrubar-o; constava que destes aliados recebia Raimundo secretamente armas e munições. Fixara então o seu quartel-general num logar chamado Brejo e via as suas forças crescerem, de dia a dia, principalmente com escravos fugidos das vizinhas fazendas de algodão. Em Abril de 1839 a gente ali reunida subia a cerca de 5000 homens, e o seu principal oficial, depois de Raimundo, era um indio velho, conhecido pela alcunha de *Batalão*, por viver fazendo cestos, que vendia nas ruas de Caxias.

Estando bem armado o exercito rebelde, conforme era chamado, marchou sobre Caxias, no intuito de capturá-la. Na occasião havia ali apenas vinte soldados, sob as ordens dum tenente, mas, todos os habitantes pegaram em armas para defender a cidade. Os rebeldes puseram-lhe apertado cerco, por espaço de seis semanas, impedindo a entrada de viveres, e, no fim daquelle prazo, a população, reduzida á fome e sem poder mais resistir, foi forçada a capitular em 30 de Junho. As clausulas da rendição comprehendiam a entrega

de todo o material bellico existente na praça, constando de 5000 armas de fogo e 800 barris de polvora, e duma somma em dinheiro equivalente a 75% do valor das mercadorias de todos os negociantes e logistas. O prefeito da villa e outras pessoas salientes, foram considerados prisioneiros e mantidos em estreita custodia durante varios meses.

Como estas desordens occorriam principalmente ao Norte de Oeiras, pensou Gardner poder proseguir na sua viagem em direcção ao Oeste, mas, quando se preparava para partir, chegaram a Oeiras diversas pessoas, vindas de *Fastos Bons*, pequeno povoado um pouco a Oeste de Oeiras, situado justamente na estrada que pretendia seguir. Contaram que uma partida de rebeldes tinha sido mandada de Caxias a assaltar aquelle lugar, onde haviam trucidado cinco portuguezes e um brazileiro, que constava lhes serem hostis, despojando as respectivas familias de todos os seus bens. Ao mesmo tempo chegava a Oeiras a noticia de que Raimundo e o seu exercito, ensorbecidos com as victorias alcançadas, estavam prestes a deixar Caxias para marchar sobre a capital do Piauhi. O Barão da Parnahiba, que já andava juntando tropas para enviar em socorro de Caxias, redobrou então de esforços, e a cidade encheu-se de rustica soldadesca, em constantes exercicios. Formavam um multídão muito mesclada de individuos de todas as estaturas e cores, diversamente trajados, na maioria usando de chapeus, gibões e calças de couro. Não parecendo immediato o annunciado ataque de Oeiras, 600 destes homens foram enviados, em principio de Julho, ás ordens do Major Clementino Martins, sobrinho do Barão, a juntar-se ás forças que, do Ceará e de Pernambuco, marchavam em socorro de Caxias.

Logo que os rebeldes tiveram noticia deste movimento, cerca de mil delles, que ainda ali havia, saquearam completamente a cidade, assassinando muitos de seus habitantes, principalmente portuguezes. Só em Janeiro de 1840 foi que a ordem voltou finalmente a reinar em Caxias e decorreu ainda mais tempo até que fossem pacificados *Pastos Bons* e Brejo. Ao passarem por um boqueirão, perto de Caxias, que os rebeldes haviam fortificado, succumbiram o Major Clementino e quasi todas as suas tropas. Calculava-se que, desde o principio da insurreição, mais de 5000 pessoas tinham sido victimas. «Este facto, commentou Gardner, é um exemplo das rebellões que perpetuamente ocorrem no Brazil, mantendo o país num estado de constante desordem e paralysando as energias dos que realmente desejam o seu progresso.»

(Continua)



Reg. 1363

Data 26.3.75

ALFREDO DE CARVALHO.

PRIMAVERA

Para o Zeca Belleza.

Vou novamente vel-a,
Ver de novo esse olhar luminoso de estrella,
Que me anima e enfraquece, e encoraja e acobarda.
Sentir de novo o som estranho e embriagador
Da sua voz d' Oiro e Luar...

O Meu Amor
Não tarda...

Presinto o seu perfil de magnolia e arminho,
Desabrochar
Na derradeira curva do caminho.

Vem!... A Natureza aqui—Olympico Eldorado—,
Nos convida ao noivado.

Cantam no Azul harmoniosos solfejos,
Flores cantam tambem a toada do perfume...
Vem matar este Amor e esta Sêde e este Ciume,
Com a força Voluptuosa dos teus beijos.

Vem ouvir as blandicias
 Do Rio, a suspirar morosamente,
 Levando, suave, sobre a agua corrente,
 Um ramo, um ninho, uma ave, uma flor...
 Vem sentir ao meu lado,
 —Doce cristalização do gôso e do Peccado,
 As caricias
 Da Primavera Angelical do nosso Amor.

Vou novamente vel-a.
 Ver de novo esse olhar luminoso de estrella,
 A sua bocca pequenina e rubra e leve,
 De dentes côn de neve,
 —Amphora ideal dos meus loucos Desejos—
 Onde palpitam rubras e frementes,
 Em anceios ardentes,
 As revoadas flammejantes dos meus beijos.

Ella vem, como eu, ungir-se ao Oleo-Santo,
 Da calma
 Vida despreocupada
 Desta radiosa e exuberante Terra.
 Vem fundir seu encanto ao doce encanto
 Da alma,
 Amorosamente delicada,
 Da Serra...

Ah! suprema ventura a que me aguarda!

Sinto o mago esplendor
 Do seu olhar,
 —Fonte astral do Perdão, da Graça, do Carinho,
 Ungir-se ao meu olhar que anioso a espera.

O Meu Amor
 Não tarda...

Presinto o seu perfil de magn lia e arminho,
 Desabrochar
 Na derradeira curva do caminho.

Vem com Ella cantando a Luz da Primavera !

Lucidio Freitas.

O MILAGRE

I

A situação do papado se complica dia a dia, não somente nas questões internacionaes, mas nas proprias questões internas.

O velho barco de S. Pedro, que, ha muito tempo, desengonçado e carcomido, fazia agua, reclama por um concerto geral, precisa entrar no estaleiro para lhe serem mudadas as cavernas e tapados os rasgões do casco.

Realmente, uma religião que vive, unicamente, do expediente de milagres idiotas e pela exploração da credulidade de um povo ignorante, não pode ter a vitalidade necessaria para enfrentar a onda secular, socialista e sabia, que fala em nome da razão e da liberdade.

Comprehende-se que uma crença está moribunda desde que se apega ao milagre grosseiro, como o de Lourdes e o do Coração de Jesus, e porque estes dois espantosos filões de dinheiro já se vão estancando, o clero, solícito, inventa o não menos provado e verídico milagre de Notre Dame des Vietoires, um novo chamariz de dinheiro para a Santa Sé e para os padres.

Mas o clero se esquece da gravidade da situação da crença que se funda em tais expedientes desesperados. O milagre vae rendendo; mas, no dia em que fôr chamado para, na occasião decisiva e suprema, manifestar-se, terá de desmoralizar-se e, com elle, todo o entrecho divino da propria religião, que o affirmava e o garantia como razão basica de sua supremacia celestial. Os milagres pollulam no ambiente catho-

lico, como os cogumelos nas enxurradas do sertão. Deus se revela nas cousas mais triviaes e ridículas. O Coração de Jesus faz proezas no meio beato, realizando cousas que deviam envergonhar um crente da idade media. A formatura de um filho, a cura de uma dyspepsia, a cura de um callo, de um desfluxo, são milagres evidentes do sagrado Coração! Que vos admira? Ler o Boletim da sociedade, é obra gratissima ao Coração, que, só por isto, realiza estrondosos milagres!

Um espirito de cultura media pode comprehendere que uma religião, que descamba para semelhante absurdo e põe o milagre como norma commun da intervenção divina nos actos mais simples da vida humana, já não tem, intrinsecamente, vitalidade sufficiente para alentar a crença dos seus sectarios. Os milagres se atropellam como uma turba, que despara espavorida. Deus, agora, por meio de Lourdes e do Coração, se manifesta mais do que nos tempos apostolicos, ou no tempo do proprio Jesus. O acto mais choldra da vida é santificado pelo milagre mais evidente, propalado pelo Boletim mensal, oficialmente reconhecido pelo clero do apostolado e pelo proprio Jesus Christo.

Em um tempo, como o nosso, em que ninguem tolera a superstição e o torpe fanatismo, taes affirmativas desconsolam e entristecem. O clero devia ser o primeiro a prohibir a divulgação desse immenso catalogo de milagres, porque o milagre, ahí, já é o normal e Deus é quem se encarrega de dirigir, pessoalmente, a vida dos devotos. Isto, porém, não é a verdade. O milagre sempre foi o anormal, a revogação de uma lei geral. Fazer do milagre o normal, o commun, é negalo e, no proprio facto, que o accusa, cembater-lhe a existencia.

Dizer que Deus pode fazer milagre porque pode tudo, excepto o mal e o absurdo, é dizer que Deus pode errar, commetter faltas, porque o milagre, si não presuppõe um absurdo, prova uma reforma, a emenda de um erro, a revogação de um acto leviano. Tudo quanto acontece neste mundo é por consentimento de Deus. O facto que provocou o milagre, deve necessariamente, existir por consentimento de Deus. Ora, Deus, que o revoga, é porque o considera mau ou erroneo. Deus, que tudo sabe, não podia illudir-se sobre a conveniencia do seu acto e, o revogando, confessa que esse acto, sim, foi ponderado. Deus consentiu no acto, já preven lo q' o teria de revogar? Seria uma infantilidade ou uma ostentação inqualificavel de poder. O milagre revoga as leis ordinarias; mas, quando, de facto, já foi verificado scientificamente um milagre? Cremos? Seja. Mas, curas individuaes, perfeitamente explicaveis sem o milagre, nada provam. O milagre, porém, nunca appareceu, nem mesmo para os crentes, em massa, diante de um povo inteiro, livrando-o de uma peste, de uma qualque calamidade publica. Os grandes milagres, os unicos que podiam ser comprovados experimentalmente, a resurreição de um morto, a volta das aguas de um rio para suas fon-

tes, a subida espontânea de um corpo pesado para o espaço, nunca se realizaram deante de pessoas que pudessem conscientemente testemunhalos. Os casos se reproduzem de curas. É facil comprehendêr qual a importancia desses estupendos milagres, comparados com os grandes milagres da antiguidade grega e romana. As molestias nervosas, de diagnóstico extravagante e de tratamento difficult, serviram, durante muito tempo, de exploração aos padres, inventores dos milagres.

Segundo a definição de Littré, o milagre é um acto contrário ás leis ordinarias e produzido por um poder sobrenatural.

O milagre, diz Medicus, deve ser a violação precisa de uma lei precisa. Só um facto pode, pois, ser dito p'r sobrenatural, depois de termos adquerido a noção exacta e completa de tudo quanto é natural. O milagre, hoje, pode ser uma realidade banal na proxima geração. Quando se trata de um caso particular, ninguem pode dizer que elle não se liga a uma lei conhecida ou desconhecida. Quando um phenomeno qualquer parece contrariar uma lei relativa ás leis biologicas, não devemos declaral-o milagroso e, simplesmente, que a lei é insufficiente ou inexacta, que não previu tudo, que não podia prever tudo, e revel-a. (1) A sciencia ainda não tem meios de resolver definitivamente os problemas do universo, diz G. Le Bon. Ainda não chegou o momento em que ella possa descobrir a verdadeira razão primeira das cousas ou attingir ás causas reaes de um só phenomeno. Deixamos ás religiões e ás philosophias o encargo de imaginar systemas capazes de satisfazer a nossa ancia de conhecimentos, apresentando systemas que apenas demonstram a nossa ignorancia e o fervor de nossas esperanças e não passam de puras illusões de nossos sonhos, mais seductores que as realidades. (2)

A crença no milagre diz Renan, é a consequencia de um estadio intellectual em que o mundo é considerado como dirigido pela fantasia e não por leis imutaveis. (3)

Para os que sonham sempre e fazem poesia a propósito de tudo, as realidades são apavorantes. A triste verdade, porém, é que só a realidade existe, porque só a realidade pode ser demonstrada e provada. Foi sempre da natureza humana procurar refugio iugular contra as tremendas realidades, que a premem. Os males que nos cercam a vida são muitos e diversos. Para attenualos e, de alguma sorte, evitá-los, vamos criando seres, que revestimos de attributos fantasticos. A nossa imaginação vôle em horizontes sem limites. Por intermedio della, e atravez do prisma iriante, que ella cria a seu talante, vamos n'um surto divino transitar pelos céus luminosos, que nós mesmos enfeitamos e decoramos se-

(1) Lourdes et le surnaturel, pags. 40 e 41.

(2) Le Evolution et matière, pag. 206.

(3) L'avenir de la science, pag. 46.

gundo o nosso capricho. O mal é o ecume de nossa vida. Para evitá-lo ou combatê-lo, attenuá-lo ou extinguí-lo, inventamos todos os remedios e o mais simples é o milagre, o remedio divino. O milagre é a panacea individual, um beneficio especial que nos é dado mediante uma graça especial.

Como o milagre, a manifestação real de uma vontade ideal pode existir? Como podemos saber que o caso chamado milagroso é, realmente, milagre? Quando pudessemos estabelecer a realidade de um milagre absoluto, diz E. Hartos, devíamos, a não querer gyrar n'um círculo vicioso, negar-lhe todo o valor apologetico, por quanto esse milagre tanto podia provir do céu, como do inferno. Si tentassemos provar pela religião que o milagre é divino e não diabolico, o milagre, então, já não podia fazer prova em favor da religião. O milagre absoluto ou relativo não existe. Elle não sustenta o choque da critica científica nem da critica histórica. Por outro lado, é inutil à religião, por pouco que ella seja consciente e resolvida a contentar-se com seu domínio espiritual, o mais nobre e mais bello, que existe. (4)

A humanidade procura o ideal, diz Renan; mas quer que o ideal seja uma pessoa: ella não ama a abstracção. A idealidade constitue uma nova vida mais bella que a realidade. De todas as realidades, a mais oppressiva é o mal. Nós sofremos por mil modos diferentes o mal vitorioso no mundo. Para rebatê-lo os meios humanos nem sempre são efficazes. Os poucos meios humanos, ainda assim, nem sempre são apreciados devidamente. A nossa sede de ideal, nos obriga a levantar intempestivamente os olhos para o céu e nelle buscarmos o ente que criamos pela nossa fantasia para nos valer nessas horas torturantes. Criado, o ser, nós damos-lhe todos os predicados superhumanos e acreditamos que existe, de facto, fora de nós e para nossa felicidade. D'ahi procede, em grande parte, a luta secular da ciência e das religiões. A ciência prega o real, as religiões o imaginário; a ciência prega o relativo, as religiões o absoluto. Não podem ser mais antagónicos e contradictórios os seus processos. A ciência não tem preconceitos, e as religiões vivem de preconceitos; a ciência não tem o dom da infalibilidade e as religiões tem; a ciência não admite nada fora da matéria; as religiões vivem exclusivamente do sobrenatural. Ora, para os espíritos iniciados nos métodos das ciências, diz Louis Bourdeau, o sobrenatural não existe como objecto de conhecimento e a devoção do milagre, mesmo a título de exceção, é inadmissível, porquanto não ha prova de nenhum. E, pois, irracional esperar um tão grande numero de milagres no futuro e mais ainda crer na eventualidade de um estado em que, todas as leis conhecidas sendo abrogadas, o milagre fosse, não uma ano-

(4) Manual de sociologia, trad. portuguesa de Lucio A. Casimiro,
pag. 119.

malia singular e transitoria, mas a regra geral é constante. E, virar o mundo ás avessas, em que o fim unico das causas seria a satisfação de alguns seres e em que a ordem universal, em vez de subordinar cada parte ao todo, subordinaria o todo a uma parte. (5)

O crente, diz F. A. Lange, vê na serie dos acontecimentos a mão de Deus e não um movimento molecular no cerebro da alma do universo. Os povos em estado de natureza, figuram presentes por toda parte seres fantasticos com formas humanas, bem que sobrehumanas. Desses representações, e não da theoria do cerebro, nasceram em geral as ideas de causas immateriaes; em uma palavra, toda a hypothese de um mundo espiritual, para os efeitos que observamos, não passa de uma concepção derivada dessas criações diversas da fé e da superstição. A sciencia não conhece esse dominio espiritual e não pode, conseguintemente, reconhecer-lhe causas. O que ella não pode explicar naturalmente, segundo os principios da concepção mecanica do mundo, absolutamente não explica. O problema fica por momento sem solução. Mas a fé do carbonario e a falsa philosophia sempre se acordaram para explicar o inexplicável por palavras, atraç das quaes se oculta, mais ou menos grosseiramente dissimulado, o domínio dos fantasmas, isto é, o reflexo fantastico de nossa ignorância. (6)

No combate ininterrupto e fatal entre a sciencia e a religião, não ha duvida que a religião recua ás braçadas e a sciencia vai ocupando os logares por ella deixados. Sómente entre os ignorantes vigora a crença absurda nos milagres. O catholicismo explora o filão enorme da fé cega e surda das massas ignaras, corroidas pelo mais grosseiro fanatismo. O milagre é uma fonte perenne de rendas fabulosas para a igreja, pois é para Roma, afinal, que correm esses rios de ouro emanados da piedade femenina. Mas estamos em um tempo, como diz Mathew Arnold, em que o pensamento humano já não encontra apoio no milagre, como outr'ora. Chegamos a reconhecer os caracteres communs que todos os milagres tem entre si e, chegamos, por assim dizer, a apprehender as leis naturaes do seu desenvolvimento, a pouca confiança que elles devem inspirar, em razão do vago que preside sua genese. Em logar de depositar confiança nos fazedores de milagres, somos impelidos a desconfiar delles. (7)

Os fazedores de milagres, apesar de reduzidos e desacreditados, ainda tem crentes. Sem fallar em santuários celebres pela grande copia de milagres que operam todos os dias, a gruta de Lourdes, a igreja de S. Francisco das Chagas,

(5) *Le probleme de la mort.*, pag. 297.

(6) F. A. Lange, «Histoire du materialisme», v. 2 pag. 312, trad. francesa de B. Pommerol.

(7) *La crise religieuse*, pag. 139.

no Canindé, Ceará, a capella de N. Senhora Apparecida, Bahia, temos, mesmo entre nós, thaumaturgos popularizados pela sua santidade e repetidos milagres. Conheci a santa Maria Delfina, quando esteve presa no quartel de polícia de Therezina. Eu era estudante do lyceu e acompanhei a santa, assisti o seu interrogatorio. Era uma mulata alta, magra, olhar negro e inteligente. Usava os cabellos curtos, andava de saia sem ensaco, pés no chão, fumava cachimbo e era analfabeta. Teve, entretanto, um momento de celebridade. O nosso grande thaumaturgo, foi Antonio Conselheiro, o Bom Jesus do sertão, como lhe chamavam os seus discípulos e devotos. (8) Salvante essa lia de sertanejos aselvajados, embrutecidos pela superstição, Antonio Conselheiro não teve sectários.

O clero bahiano não acreditou no santo, que lhe fazia vantajosa competencia. O governo temeu igualmente a sua ação na política. Cesu e terra se uniram para a ruina do grande thaumaturgo. O fanatismo fez muralha em roda do santo e o alto da Favella e a garganta de Cocorobó ficarão eternamente na historia militar do Brazil, como um ponto saliente da incapacidade dos nossos chefes militares. O sangue que correu em ondas em Canudos, atestará eternamente quanto pode, nas massas ignoratas, o sentimento da religiosidade, por que, como diz A. Reville, nada é tão tenaz como a religião, não desafia com mais obstinação as proscrições e as tentativas de extirpação, nada resiste com mais constância até os desmentidos da realidade palpável. (9) Debaixo de um ponto de vista geral, as religiões não morrem, como também não se criam transformam-se: umas se prendendo, por estreito laço, nas outras, que lhes sucedem no decurso dos séculos. Uma religião nova, no sentido de ser diferente na forma e na essência das anteriores, é impossível. O terreno religioso já está arroteado e completamente cultivado pela semente da fé. As religiões, como as gerações humanas, descendem umas das outras. Quanto à religião, efectivamente não se cria integralmente e as crenças, como todos os phenomenos da natureza, se transformam, se modificam, mas não se improvisam, diz Maury. Podem umas alterar certos dogmas e certas regras de fé, corregindo os erros já muito em desacordo com a geração que reclama novas ideias; mas não é a criação de uma nova dogmática, novas crenças. O christianismo nunca se apresentou como uma religião nova e de facto, é um amalgama de todos os principios religiosos correntes no tempo. A exegese, que affirma que o christianismo foi esculpido interiormente no Antigo Testamento é falsissima, diz Renan. O christianismo foi a ruptura com o judaísmo, a abolição da Thora. (10)

(8) Vide o meu livro «Em redor dos factos», pag. 36 e segs.

(9) Prolegomènes de l'histoire des religions, pag. 2.

(10) Obra citada, pag. 173.

S. Bernardo, Francisco de Assis, S. Isabel, S. Thereza, Francisco de Sales, S. Vicente de Paula, Fenelon, Channing nada tem de judens. São individuos da nossa raça, sentindo com massas viscerais, pensando com o nosso cerebro. (11) Quando chega o momento em que uma religião já não corresponde aos ideias religiosos de um povo, vae reformada e dentro dos velhos modelos se constroem o novo edificio religioso. De outra forma, os homens não aceitariam a reforma. Ninguem muda de religião, porque todas as religiões se parecem e o que se chama outra religião é, apenas, a mesma causa conhecida por outro nome. O pagão não mudou de religião adoptando o christianismo, porque trouxe consigo tudo quanto o christianismo lhe não dava. O culto dos martyres, diz Renan, foi a primeira concessão arrancada pela fraqueza humana à indolencia de um clero que queria agradar a todos para ganhar todos para Jesus Christo. Os corpos dos santos tiveram virtudes miraculosas, tornaram-se talismans; os lugares onde estes reposavam foram tidos por uma santidade mais particular que os outros sanctuarios consagrados a Deus. A ausencia de qualquer idea das leis da natureza, abriu logo a porta à thaumaturgia desenfreada. (12)

As religiões se completam e uma empresta à outra aquillo de que o crente tem necessidade para satisfação da sua crença. Mas, na realidade, o homem não muda de crença em um dia; o baptismo não tem effeitos miraculosos instantâneos. Essas multidões pagãs, apenas evangelizadas, ficaram o que estavam nas vésperas da sua conversão: no Oriente, más, egoistas, corruptidas; no Occidente, grosseiras e supersticiosas. As mudanças de religião são, em geral, aparentes. O homem, quasequer que sejam suas conversões ou suas apostasias, fica fiel ao primeiro culto que praticou e mais ou menos amou. (13)

Os testemunhos apresentados em favor dos milagres, mesmo no Novo Testamento, não tem o minimo valor probante. Os milagres evangélicos são mesquinhos, diz Renan; os magicos ambulantes fazem eguaes, sem que, por isto, possam ser olhados como filhos de Deus. (14) Contradictórios e infantis, sem terem a grande poesia bíblica, os Evangelhos dão como causa naturaes aquillo, justamente, que é sobrenatural; como óbvio, aquillo que necessita ser provado. O facto citado por Arnold é de uma eloquencia esmagadora: a visão de S. Paulo por occasião da sua conversão. Essa visão prova a verdade da doutrina pregada por S. Paulo. Mas o methodista, Sampson Staniforth, como S. Paulo, foi convertido por uma visão. A visão de Sampson foi um sonho, ao passo que a de S. Paulo

(11) Marc Aurèle, pag. 635.

(12) Marc Aurèle, pag. 629.

(13) Renan, obra citada, pag. 628.

(14) Obra citada, pag. 357.

foi verdadeira, ouvida por seus companheiros? Os Actos dos Apostolos, cap. 9 v 7 affirmam que a voz que fallou a Paulo, foi ouvida por seus companheiros, ao passo que no cap. 22 v 9 affirma que os companheiros de Paulo não ouviram a voz que lhe fallava. A contradicção, conclue Arnold, nada prova contra a boa fé dos escriptores. A visão de S. Paulo é cousa certa; a visão de Sampson Staniforth é tambem cousa certa: porem prova a desconnexão inevitável que acompanha todas as relações de milagres e mostra que, a este respeito, os escriptores bíblicos estão sujeitos á lei commun. Eis a moralidade: o milagre é um esteio bem fraco. (15) O milagre, como nota Luiz Feuerbach, é o fundamento da theologia. A sciencia se funda na lei, a religião no arbitrario. D'ahi o facto, ja lembrado, de a sciencia defender o real e a religião o imaginario. Todas as religiões fizeram do milagre a prova mais decisiva da sua origem divina. Os milagres do christianismo provem das mesmas necessidades dos milagres pagãos, differem uns dos outros pelo fim e tão verdadeiros tanto os milagres christãos como os pagãos. Si um milagre é verdadeiro ou falso, ou, melhor, real ou imaginario, porque a verdade nada tem de milagrosa, a verdade é lei, razão, regra e não excepção, destruição da lei, a questão sobre a veracidade do milagre christão sobre o pagão é secundaria. Ainda quando os milagres dos pagãos fossem falsos, inventados, eram, como entre nós, uma consequencia necessaria do espírito religioso. Os verdadeiros milagres christãos repousam sobre o mesmo fundamento dos falsos milagres pagãos, por mais que nos esforçemos por distinguil-os e é digno de nota que, servindo entre os crentes para constatar verdades, tem sentido muito diferente entre os pagãos. A fé no milagre é a natureza, a condição do milagre. A fé pouco se importa com as leis da razão e da natureza e conseguintemente com as leis da verdade e da realidade historica. Ha nella uma contradição notável: querendo ter de seu lado os sentidos como ultimo e decisivo testemunho de certeza, ao mesmo tempo, lhe recusa a certeza e toda verdade destruindo as leis da percepção externa. Ela quer, ella crê poder ver com os olhos naturaes o que é contra a natureza; o milagre não é objecto dos sentidos como não é objecto da razão. (16)

A semelhança do milagre christão com o milagre pagão, é a mesma notada por M. Nicolas entre o prophetismo hebreu e o prophetismo pagão, porque, afinal, o prophetismo é um phénomeno commun a todos os povos. O mesmo o milagre. Não ha religião que o não admitta como prova inequivoca da sua origem divina. A edade media foi o cyclo glorioso dos milagres e seria digno das mais graves penas quem negasse o mais insignificante dos milagres verificados pelos

(15) Obra citada, pags. 128—129.

(16) *La religion*, trad. franceza por Joseph Roy, pag. 81 e seg.

padres. O milagre foi sempre a causa do poder e da riqueza da igreja. Além dos milagres operados directamente por Deus, pela virgem e pelos santos com um carácter geral, há o milagre individual operado em benefício de determinados indivíduos, mediante determinados presentes. O coração de Jesus, por exemplo, faz o milagre a grosso, favorecendo o commum dos fieis devotos, como evitando o desenvolvimento de uma peste; mas, ao lado dele, há o pequeno milagre individual, o milagre a retalho, obtido pelo fiel, que o paga a dinheiro de contado. Esses milagres, agora divulgados nos jornais eclesiásticos, valem muito como riqueza para o clero. Esses milagres são milagres unicamente porque há necessidade de uma grande lista de milagres. Já não há necessidade canonica de approvação. O crente affirma o milagre operado em seu favor e os padres o publicam nos seus boletins. Os outros crentes, estimulados, publicam também os seus milagres. Afinal, o numero dos milagres assume proporções assombrosas. Os milagres não são vistos, mas são cridos, pondera Feuerbach. Os milagres reaes não tem, pois, signal algum característico que os distinga dos milagres imaginados, de pura hallucinação. Elles nada tem de commum com os factos historicos, os acontecimentos reaes. O facto verdadeiro é o que, no momento em que se passa, exclue a possibilidade que seja de outra maneira e no espectador a possibilidade de duvida. O milagre é qualquer causa que aconteceu sem ter acontecido, um puro *perfectum* sem *imperfetum*, um facto sensivel sem desenvolvimento sensivel, sem fundamento natural. (17)

O abuso do milagre tem, certamente, desmoralizado o proprio milagre. Cada santo opera os mais estrondosos milagres, mesmo em vida. Bayle diz a propósito de uma biografia de S. Francisco de Assis: «Nunca se viram tantos milagres como neste livro. Em cada folha se depara um e dá vontade de perguntar qual dos dois deve passar por milagre, a interrupção ou o curso da natureza. Não sabemos onde está a excepção ou onde está a regra, porque uma não se apresenta menos vezes que a outra.»

A mesma consideração pode ser feita agora diante dos repetidos e estupendos milagres do coração de Jesus, de N. S. de Lourdes e de muitos santos. Os crentes elogiam Deus pela ordem da criação, pela belleza do universo, pela imutabilidade e regularidade da sua obra divina. E, ao mesmo tempo, procuram fazer crer que, essa obra, apesar de tudo, deve ser emendada e reformada todos os dias a pedido do proprio crente e até por dinheiro. Si Deus corrige o que faz, é porque o que Deus faz não presta, é mal feito e tão mal feito, tão injusto, que o crente se julga em condições de corrigi-lo, mostra-lhe o erro e exigir a reparação da injustiça.

(17) Obra citada, pag. 82.

E a providencia divina onde fica, se faz e desfaz suas obras, por capricho ou para nos ser agradavel?

O christianismo latino, diz Draper, sob sua forma papal, está em contradicção absoluta com o principio do governo do mundo pela lei. A historia deste ramo da igreja christan é uma chronica de milagres e de intervenções sobrenaturaes. Vemos ahi a prece dos santos parar o curso dos astros e suspender a marcha da natureza, si é que ella admitté que essa marcha seja regulada; as nuvens e as pinturas operarem milagres, assim como os ossos, os cabellos, as reliquias de toda sorte. O criterio da authenticidade para esses objectos sagrados, não é a prova irrefragavel de sua origem e de sua historia, é a exhibição da sua virtude miraculosa. Não é uma logica extravagante a que vae procurar a prova de um facto incerto, n'uma demonstração inexplicavel de qualquer outro facto? (18) A igreja papal sempre favoreceu a propagação do milagre e a insigne exploração da gruta de Lourdes é de nossos dias. Os milagres do coração de Jesus ainda estão em productiva evidencia. O clero era quem dirigia e quem dirige ainda hoje os fieis nessas manifestações devotas contra as pestes, contra a secca, contra tudo quanto lhes parece obra do demonio e pode ser evitado ou combatido por intermedio do milagre. Em 1456 o papa Calisto 3.^o exorcismou o cometa Halley, o mesmo que, não ha muito, resurgiu no nosso firmamento com a sua radiosa cauda. O clero, desta vez, não teve excommunhões contra elle. Os tempos vñão se mudando. A sciencia, mau grado o esforço das religiões, vae conquistando as consciencias e abolindo essas tristes aberrações religiosas, que punham a revogação das leis naturaes no alcance dos desejos de quem quer que seja, que desse dinheiro aos padres, esmolas aos santos ou fizesse preces a Deus. A ignorancia, que mantinha o gosto do maravilhoso, recua em toda linha, sem atrever-se mais a affirmar, por exemplo, que a peste é castigo de Deus ou obra do diabo; que a molestia é producto do peccado. E' verdade, urge insistir, que o milagre, hoje, está circumscresto aos casos de curas de molestias mentaes ou nervosas.

Impressionar a imaginação e provocar um esforço persistente da vontade, diz Paul Voituron, são, muitas vezes, os unicos meios de cura ou de allivio. A crença no sobrenatural é, de ordinario, o que consegue melhor produzir semelhantes effeitos. Convém accrescentar, tambem, certas excitações nervosas exteriores, analogas a da electricidade, chamadas magnetismo animal e sobre as quaes a sciencia moderna ainda não deu a ultima palavra.

Algumas palavras de animação, alguns signaes de confiança ou segurança podem igualmente provocar uma tranquillidade momentanea ou definitiva em algumas dessas mo-

(18) *Les conflits de la science et de la religion*, pag. 181.

estias. (19) A exploração da ignorância sempre produziu excellentes resultados. Mas esses resultados tendem a desaparecer á medida que a ignorância é repellida pela sciencia. Na antiguidade, a historia era um tecido de fabulas. O misterioso dominava tudo. Mas o espirito, que se illumina, quer ver o milagre; quer, como Thomé, ver para crer. Uma cousa é um milagre que eu vejo com meus olhos, que eu tenho o ensejo de examinar, diz Lessing, e um milagre que eu só encontro pela historia que outros affirmam ter visto, ter examinado. (20)

Tem sido notado, com razão, que só ha milagres deante de individuos que acreditam em milagres. Quem não faz milagres, pergunta Dupuis, onde estão espíritos dispostos a acreditar nelles? O bispo Sinesio afirmava, por conhecimento pessoal, que o povo precisa de milagres, seja como for, porque, sem o milagre, não pode ser conduzido. (21)

O dominio do clero vem, realmente, do facto da ignorância do povo. Nunca se demonstraram factos milagrosos, diz Renan. Si houvesse um milagre provado, não poderíamos rejeitar todos os das antigas historias, por junto, porque, em todo o caso, admittindo que muitos fossem falsos, poderíamos crer que um ou outro fosse verdadeiro. Mas, não é assim. Todos os milagres, ao alcance de discussão, desaparecem. Não ha milagre senão quando se crê em milagre; o que faz o sobrenatural é a fé. O catholicismo, que afirma que a força miraculosa ainda não está extinta em seu seio, está sob a influencia dessa lei. Os milagres que diz fazer, não se verificam onde cumpriria que se verificassem.

Quem tem um meio tão simples de prova, por que não ha de submettel-o á maxima publicidade? Um milagre em Paris, na presença de sabios competentes, dava fim a tantas duvidas. Mas é o que nos falta. Nunca se realizou um milagre perante um publico que cumprisse converter, isto é, perante incredulos. A condição do milagre, é a credulidade da testemunha. Ainda não houve nenhum na presença de quem pudesse discutil-o e submettel-o á critica. Apontem-me uma exceção! (22)

Uma experiência nunca contradictada, diz Littré, nos ensina que tudo quanto se conta de miraculoso tem sua origem na imaginacão que se exita, na credulidade complacente, na ignorância das leis naturaes. Qualquer pesquisa que se faça, — nunca um milagre produziu-se onde pudesse ser observado e verificado. Nunca, nos amphitheatros de anatomia e sob os olhos dos medicos, um morto levantou-se e mostrou-lhes por sua apparição, que a vida não depende dessa integridade dos

(19) *Le liberalisme et les idées religieuses*, pag. 113.

(20) *Le christianisme moderne*, por E. Fontanés, pag. 98.

(21) *Abrége de l'origine de tous les cultes*, pag. 214.

(22) *Os apostolos*, trad. portugueza de Eduardo Salgado, pag. XXXI.

orgãos, que, segundo suas pesquisas, faz o elo de toda a existência animal e que ella ainda pode manifestar-se com o cérebro destruído, com um pulmão incapaz de respirar, com um coração incapaz de palpitar.

Nunca, no ar, aos olhos dos físicos, um corpo pesado ergue-se contra as leis do peso, provando por isso que as propriedades dos corpos são susceptíveis de suspensões temporárias, que uma intervenção sobrenatural pode tornar o fogo sem calor, a pedra sem peso e a nuvem borrascosa sem electricidade. Nunca, nos espaços intercosmicos, aos olhos dos astrónomos, a terra parou na sua revolução diurna, nem o sol recuou para o levante, nem a sombra do quadrante deixou de seguir o astro cujos passos marca; e os cálculos dos eclipses, sempre estabelecidos antecipadamente e sempre verificados, testemunham que, efectivamente, nada de semelhante se passa nas relações dos planetas e do seu sol. Assim falla a experiência perpetua. (23)

E' a experiência perpetua, sem dúvida para a ciencia, que apenas pede aos thaumaturgos a prova dos seus milagres. A. Vera affirma que Hegel nega os milagres simplesmente porque o christianismo não tem necessidade de milagres.

Jesus os condenou. E' que o christianismo repousa sobre um mais alto princípio que os milagres, que é o que é sem os milagres e que os milagres, em vez de elevarem-no, o rebaixam. (24)

Realmente, o milagre, tal qual o propaga o papado, é o descredito do christianismo.

A egreja cathólica, que, ainda hoje, é a associação mais perfeitamente homogênea e regularizada do universo, não precisa, para viver, tolerar esse procedimento grosseiro e, si precisa, deve confessar que seus dias estão fatalmente contados, segundo o prognostico de Montesquieu, que em 1721, apenas lhe dava 500 annos de vida. (25) Essa enormidade de milagres acaba desmoralizando o milagre, e o milagre desmortalizado, a religião está morta.

A situação geral da egreja, no actual papado, vai perdendo dia a dia. Não ha muito, os padres de Nápoles levantaram clamores contra o cardeal Vrisco e ameaçaram abraçar o protestantismo si o papa não mandasse abrir uma egreja fechada pelo cardeal. Fosse qual fosse o resultado da pendencia, o que resulta, como evidencia, é que o clero napolitano não tem fé, sendo-lhe indiferente adoptar o catholicismo ou o protestantismo, como si as duas confissões fossem identicas no ponto de vista theologico e dogmatico. Em questões de fé não pode haver dessas mudanças rápidas e caprichosas. Mas um clero que assim procede, deve estar julgado, com elle, o clero inteiro.

(23) «Vie de Jesus» par le docteur D. Strauss, avant-propos, pag. V.

(24) Strauss, pag. 50.

(25) Lettres persanes, pag. 258.

Não ha mais fé. Fé em que? O povo ignorante e credulo, ainda se agglomera, psalmodiando, rezando n'um latim ridículo as ladinhas e dando esmolas para as festas e mandando joias para os sagrados leilões, um minério ainda largamente explorado e rendoso; mas o povo, que ainda pensa ter fé, que vale como quantidade na somma das conquistas religiosas? O crente é cego e surdo: soffre de paralysia mental. Mas a igreja, que o tosquia, delle não se serve para a sua glorificação. O poder da egreja foge das cidades e se isola nos campos. Por mais exaltado que seja o entusiasmo do cidadão e por mais que se arroube nas manifestações devotas, a sua vida mundana e diurna prova justamente o contrario: que a sua fé e o seu entusiasmo são simplesmente suggestivos!

O papado não comprehende isto, é, si comprehende, não encontra um meio de recuar dessa senda fatal. Seja como fôr, o milagre, que é tão commum, se não manifesta na grande hora tragic da lucta e do perigo da egreja! Deus, que se manifesta horaneamente a qualquer beata estupida e santa, teme exhibir-se solemnemente, num rasgo de omnipotencia visivel ao mundo, em face das nações, em defesa da sua querida esposa immaculada—a igreja catholica apostolica, romana!

Nós, que vemos tantos e tão repetidos e tão evidentes milagres attestados pelo Boletim do Sagrado Coração de Jesus, nos entristecemos não vendo borbulharem, choverem os milagres em defesa da egreja, de seus direitos, dos frades, das freiras e dos seus santissimos conventos! A policia transpõe os sagrados porticos e expulsa dos sanctuarios as sagradas freiras do proprio Coração de Jesus e Jesus não apparece, a não ser no protesto de algum exaltado, que vai correccionalmente preso. E só.

Não é caso para apprehensão e para duvidas? A situação da egreja é, no momento presente, grave e perigosa. A barca pode não ir ao fundo; mas, com certeza, necessita alliviar a carga e a carga que tem de deixar é o que faz, justamente, a sua gloria e a sua grandeza:—frades, freiras, beatas e beatos! Deixando a França, a Italia, a Espanha e Portugal, a que fica reduzido o prisioneiro do Vaticano?

As peregrinações já se não organizam com a facilidade de outr'ora e já não podem render muito. O clero, não subvenzionado, precisa ganhar muito e viver bem e, no clero, o frade faz uma guerra de morte ao padre.

O povo não pode sustentar o clero, sustentar o diocesano, os conventos, as irmandades, as festas de egreja, os leilões e, ainda, sustentar o papa, os cardeaes, a corte e o clero de Roma! O crente, que paga tudo e só tem de graça raras missas, ha de exgostar-se e cuidar em sua familia. Rezando não manda ao açoague e, enquanto não morre, precisa viver.

O futuro que espera a egreja é triste, desde que abre lucta contra todas as forças vivas do seculo, para cercar-se de todas as forças mortas do seculo!

II

Os crentes, mais obstinados que sinceros na sua crença dominadora, não attendem que cousa alguma pode existir, a não ser hypotheticamente, fóra das normas ordinarias dos factos. Admittem como uma prova de virtude christan o frade e a freira, vestidos de grossa estamenha, fazendo votos de piedade, de pobreza e de absoluta renuncia dos gosos da existencia. Mas não se lembram que a belleza moral do christianismo não consiste, não pode consistir nisto. Quem vive só para rezar, não é extranhavel quereze; quem faz votos de pobreza e renuncia o contacto do mundo e da riqueza, não é louvavel ser pobre; quem faz votos de castidade e se isola do sexo contrario, não é muito que seja virgem. Quem não tem comida, não é admiravel que passe fome. E' este o caso, mas não é esta a virtude.

Queria ver a virtude do frade e da freeira, vivendo em communidade, tendo á sua disposição todos os regalos possíveis e desprezando-os pela vida atrabilada do penitente; queria que homens e mulheres, santos e santas, vivessem, comessem e dormissem juntos e sahissem vitoriosos, maiores do que a tentação, santificados pelo poder de dominar os palpites da materia e as seduções da carne!

Que virtude pode allegar uma pobre moça, que se isola em um convento, sem contacto masculino, alem do confessionario? E' pura e casta porque nunca teve ensejo de pecar; é virgem porque nunca poz em prova a sua virgindade.

Onde o merito dessa castidade?

Não era, afinal, esse o pensamento de Jesus, ao menos, os primeiros christãos, os immediatos discípulos de Jesus, tal como vejo a historia nos *Aetos*, viviam, homens e mulheres, juntos, em oração e exercícios de piedade, pobremente, cada qual recebendo a esmola necessaria para os seus gastos urgentes, pois a comida era *commum* e os crentes rezavam ao ar livre, sem cadeias de votos solemnes, unidos pelo laço de ferro da propria fé!

As cousas, agora, estão mudadas. Os crentes vivem á farta, ricamente, em casas adornadas de fusteiros, de ouro, cheias de flores e de luzes e na sua mesa opulenta não admitem o pobre que tem fome e que, na igreja, por ostentação hypocrita, chamam irmão e com o qual hóbream com ar de compunção e humildade!

Sahidos da presença dos altares, os crentes e sacerdotes tomam seus ares de orgulho, revestem-se das suas galas e vão para seus palacios e para suas casas confortaveis sem se recordaram que Jesus não tinha sequer uma toca onde pudesse abrigar-se e nem possuia uma almofada onde repousasse a cabeça! Não importa. O papa é mil vezes milionario e habita, num fausto asiatico, maior, mais bello e mais rico palacio da terra! Os bispos vestem purpura e ostentam o luxo, que os apostolos nunca tiveram. E o orgulho de todos?

O MILAGRE

Não importa. São discípulos e seguidores de Jesus,—o pobre que vestia uma túnica de sarja barata e só teve o luxo de montar, em ossos, num jumento, no seu único dia de triunfo e de vangloria! O papa, coberto de ouro e pedras preciosas, sahe em procissão sentado em andor, conduzido por homens que lhe beijam os pés!

Onde ainda vemos Jesus e a sua doutrina?

A avareza, a ambição, a gula transbordam. O próprio frade, que faz votos de pobreza e de penitência, é gordo, traz a barba esfolada, o estomago cheio, arrotando vinhos generosos e escópios condimentados com esmero gastronómico. Onde, de facto, a imitação de Jesus nesses que se intitulam seus discípulos e seus crentes? Onde? Onde a imagem de um justo, como a vemos descripta nas agiologias?

As festividades católicas são veriadeiras saturnais pagãs. Não há nenhuma a mínima apparencia de seriedade e devoção. Ha o pagode, a erupula, o divertimento mundano, o que quiserem, menos a mínima preocupação religiosa. A festa de Nazareth, no Pará, é uma vergonha para um povo cristão. O finado bispo d. Antônio de Macedo Costa, em tempos que não tão longe, indignado com esse extravasamento de paganismo, com essa orgia imenarrável, a começar por esse esplêndido carnaval chamado Cyrio, prohibiu o novenário de Nazareth, o que foi um motivo de afflição para o veranista prelado. Mas foi um ato de piedade e de energia cristãos!

E tudo o mais é assim. A verdadeira devoção não precisa manifestar-se nessa exhibição ridícula de feios pés descalços, nessas penitências torpes: basta que se exerça no isolamento, entre o crente e Deus, como recomendava Jesus. Matheus, cap. 6 v. 6. Mas, justamente, é o que não quer o crente. A devoção precisa libertar-se do apparato das igrejas. A devota precisa mostrar-se devota, além da necessidade de mostrar a roupa curta e bonita, o chapéu enfeitado, a meia de seda, o perfume longo de cambray e o próprio livro de oração, num capa de madrepérola! Sem isto, não ha devoção. Que tal vez os templos desertos de padres e de devotos? Tornai gratuitos todos os sacramentos e o sacerdócio uma profissão de penitência e de pobreza verdadeira, ordenai que, nas igrejas, só possam orar e receber os sacramentos senhoras soberanas de andrajos. Basta isto.

Muita gente faz garbo da sua fé, sem nunca ter lido o Novo Testamento, sem nunca ter passado pela prova, sem nunca ter pensado nos argumentos pro e contra os dogmas. Que mérito tem uma semelhante fé? Que sacrifício pessoal faz o crente em abono da sua crerça? Algumas esmolas, que lhe não fazem falta e alguns jejuns, que mais lhe abrem o apetite para o almoço retardado e succulentíssimo, abundância e avinhado. E só.

Nestas condições, quem se pode confessar discípulo e crente em Jesus? Não basta dizer-se cristão para ser chris-

tão: é preciso praticar as virtudes christans. Não basta o baptismo: é preciso crer em Jesus. Crer em Jesus não é adorar sacrilegamente o seu Coração, uma viscera: é preciso ter fé e caridade.

Por que não adoram a Jesus pessoalmente, integralmente? Estamos voltando ao tempo em que, nos conventos, se vendia, por alto preço, o leite de Nossa Senhora e até um dedo do Espírito Santo? O catholicismo romano, lendo isto, diz que os protestantes são ateus, porque desejam expurgar a religião desses enxovalhos ridiculos; porque são por Jesus inteiro contra Jesus fragmentado. Jesus é inteiriço e seu amor não pode, em pelaços, concentrar-se numa viscera, transformada em fogueira de amor material e pagão. Jesus é Jesus na sua personalidade divina e perfeita, ou não é divino e perfeito.

Os pagões podem continuar na sua autopsia impia: os cristãos continuarão tendo Jesus perfeito e integral. Os que precisam dar provas de sua fé no mundanismo; os que não têm caridade; os que não têm amor ao próximo, sigam o caminho da sua impiedade religiosa, que ostenta o luxo de todas as grandezas da terra.

Jesus, afinal, não entra em questão em assumpto em que a sua doutrina não é consultada. O vento que impelle o barco de S. Pedro não sopra das paragens evangélicas. O papado, com razão, tem sido considerado o continuador do imperio romano e o papa substituto dos cezares. O christianismo da igreja romana é o catholicismo; Jesus é substituído por Maria e, delle, apenas figura uma viscera! Os milagres substituiram a fé. Mas fé já não opera milagres.

O milagre é operado pelo dinheiro.

Por outro lado, o milagre caiu no ridículo dos casos vulgares. O que era, outr'ora, consequencia da fé, é, hoje, consequencia da publicação da notícia paga de um jornal.

Afinal, isto vem de longe. A igreja nunca teve escrúpulos em matéria de dinheiro. Todas as religiões, nisto, se parecem. Os padres são geralmente irmãos. A vida dos santos é um tecido grasseiro, uma verdadeira estopa de milagres.

O arcebispo de Braga, Frei Bartholomeo dos Martyres, foi thaumaturgo. Seu biographo, Frei Luiz de Souza, cita factos interessantes, próprios mesmo dessas agiologias.

Uma vez, em Vianua, uma senhora estava, havia cinco dias, com dores de parto. Seu estado era desesperador.

Neste conflito e desconfiança, diz o biographo, acudiram aos remedios divinos e procuraram alguma peça de vestido do Santo para socorrer à enferma, que davam por acabada. Arranjaram uma tunica. Vestiram-na à doente e foi cousa maravilhosa, que na mesma hora fallou e disse que estava san e cobrando perfeita saude, aos nove meses pariu um filho vivo e sôa. Tres dias depois a mesma tunica produziu identico milagre. Um homem se afogava sem remedio dê

uma inchação interior na garganta. Arranjaram um correia ou orello com que o santo se cingia. Pozeram-no no enfermo, que vanzou logo pela bocas um golpe de materia e sangue en- sobre o rosto cancerado de um moço, bastou para cural-o. Um homem em Vianna perdeu a vista de um olho e era tal a causa do mal que estava em risco de se lhe vazar e o perder de todo. Foi ouvir um Evangelho ao Arcebispo durante nove dias e ficou bom. Um clérigo cego, em menino, também restituui a vista pelo mesmo processo, apenas com o accre- scimo de um signal da cruz sobre os olhos. Um outro homem de Vianna também ficou bom com a audição do Evangelho e por ter beijado a ponta do seu escapulário. Curou o braço lavrado de chaga de um menino, somente por ter roçada no seu braço. A fallada tunica do santo curou um mancebo moribundo, sendo lançada sobre elle. Uma tira das que se fizem dos lençóis em que o santo jazia quando falleceu, atada à cabeça de um individuo, que soffria de febre ardente acompanhada de violentas dores de cabeça, bastou para cural-o. A mitra do santo posta sobre o braço de um paralyticó, o curou. A mesma mitra cravou umas colicas. A conhecida tunica do santo curou dois homens atormentados do demonio. Um retalho do gibão que foi do santo, curou uma mulher de parto cercada de acerbissimas dores.

O caso, porém, mais interessante e, também, mais milagroso, foi a morte instantanea de um urso domesticado, que passava por baixo da janella do santo e este fez contra elle o signal da cruz, dizendo que devia ser ou trazer o demonio. (26)

Caso ainda mais interessante é narrado pelo reverendo padre José Nierember e reproduzido pelo *Matto-Grosso*, revista salesiana, anno 2, n. 10 de Outubro de 1905, sob a rubrica.— Os brutos ensinam o obsequio devido ao S. S. Sacramento: Entre os animaes que, a seu modo, tem glorificado o divino Sacramento, merece especial menção um cão de cor avermelhada com manchas brancas, chamado Tedesco, pertencente a um pasteleiro de Lisboa. Esse cão começou acompanhando o S. S. Sacramento quando conduzido aos enfermos e persistiu neste costume por dois annos. Quando onvia soar a campa, com que se dava signal de levar-se a veneravel Eucaristia ou em procissão ou aos doentes, corria para a igreja, onde esperava pela saída do Sacramento debaixo do pallio e punha-se adeante dos meninos, que iam cantando psalmos. D'ahi, de quando em quando, corria acima e abaixo, como se tivesse cuidado de dispor e ordenar a procissão. Quando acompanhava o Vatico, viu, uma vez, um carregador dormindo e avançou contra elle ladrando fortemente, até que o homem despertou e ajoelhou-se. Então o cão começou a aca- riciar-o.

(26) Obra citada, v. 2 pag. liv. 4 e 5.

Outra vez, na oitava da Paschoa, vendo, ao passar o Viatico, uma mulher de má vida em pé na porta lateral da igreja com ponea modestia, avançou furioso contra ella e fel-a ajoelhar-se. Em uma semana-santa, esteve durante 24 horas sem comer nem beber, assistindo ao sepulchro do Senhor.

Algumas vezes, dava volta pela igreja, subia alguns degraus da escada, fixando os olhos no logar onde estava o Sacramento e assim ficava por muito tempo.

Referindo estes prodigiosos factos, conclue o jornal, que este cão, não por instineto natural, mas por sobrenatural virtude, para confusão dos hereges pertinazes e christãos indevotos, dava tantas e tão maravilhosas provas de devoção (27)

Esta consideração final é typica e caracteriza perfeitamente o indole da piedade clerical.

Ainda como documentação e como prova da impiedade clerical na sua exploração da sentimentalidade devotado povo, copio de Salomão Reinach, o seguinte facto: Quando, no anno 386, foram encontrados em uma sepultura, em Milão, dois esqueletos decapitados e pintados de vermelho, S. Ambrosio, bispo do Milão, acreditou e fez acreditar que eram os martyres christãos do tempo de Nero, Gervasio e Protario, ainda cobertos do sangue derramado no seu suppicio, como si o sangue, materia organica, pudesse ser conservado com sua cor durante tres seculos. Este achado foi tido como um milagre e foi explorado em proveito dos interesses catholicos. (28)

Em que esses ridiculos milagres differiam dos milagres pagãos? Cada logar tem um Deus local, diz Havet; nós diríamos, hoje, um santo. Mesmo em Roma, ha um templo dedicado á Febre, outro á Fortuna.

A superstição espadana sobretudo nos presagios, nos oraculos, nas vozes dos inspirados, nas apparições, nos prodígios, nas revelações.

O imperador Vespasiano, passando por Alexandria, de regresso da guerra contra a Judéa, foi solicitado por um cego, que se atirou a seus pés, implorando um remedio para sua enfermidade. Elle dizia, conta Tacito, que fôra inspirado por uma revelação de Serapis, a principal divindade dessa nação supersticiosa, e exorava ao imperador para dignar-se de humedecer-lhe a face e os olhos com a saliva de sua bocca. Um outro individuo paralytico de um braço, pedia, confiado no mesmo deus, que o imperador lhe pisasse no braço doente. Vespasiano, a principio, os repelli com desprezo. Como elles insistissem, o principe exitou, temendo a censura da população credula, e animado pelo ardor das preces dos dois enfermos e pelas zumbaias de seus cortezãos, mandou os medicos examinarem si o mal dos dois individuos podia ser vencido

(27) Historia natural, liv. 9, 43

(28) Orpheus, pag. 164

por meios humanos. Os medicos, depois de varios raciocinios, responderam que a força visual não estava destruída no cego e que voltaria sendo retirado o obstáculo e que o braço do outro, lançado fora da sua posição natural, podia para ella voltar por uma salutar prescrição; que, talvez, fosse vontade dos deuses, escolher o princípio para instrumento de suas obras; que, si a cura se realizasse, a gloria seria do Cesar; si não se realizasse, o ridículo cahiria sobre os dois miseraveis. Vespasiano, dominado pela idea que tudo era possível á sua fortuna, e nada considerando impossível, com satisfação e no meio de uma multidão attenta e curiosa, tentou o curativo. No mesmo instante, o braço paralytico começou a mover-se e o cego a ver. (29)

Um meteóro, que apparece; um ruido inexplicável sob a terra ou no ceo; um monstro ou o que é assim chamado; o suor das paredes de um templo ou das estatuas, eram motivo de terror para o pagão. Os livros das Sybillas eram consultados pelos aruspices e suas respostas constituiam grandes questões de Estado. Os deuses revelaram a Cicero, por uma intervenção particularissima e milagrosa, a conjuração de Catilina; na defesa de Milão, Cicero sustenta que foram os deuses que prepararam o homicídio e o realizaram. Cesar, poucos dias antes de sua morte, tinha sacrificado um boi, cujo coração não foi encontrado e isto foi considerado um mau augúrio. O raio arranca a letra C, a primeira do nome Cesar, gravada sobre o pedestal de sua estatua. Como C vale cem em conta romana e eazar, em lingua etrusca, significa deus, concluiram que o imperador seria deus, isto é, morreria dentro de cem dias. Na vespara da batalha de Actium ouviram o deus Baubo e seu carro atravessando, invisíveis, com um grande rumor de vozes e de instrumentos, no meio do silêncio da cidade consternada, dirigindo-se para o lado do campo inimigo. (30)

Ao lado dos milagres imitados dos pagãos, do culto imitado dos pagãos, vemos deuses e ídolos pagãos transformados em santos catholicos! A piedade cecula dos cípoces gaulenses transformou em imagens de santos e santas, diz A. Maury, os simulacros dos deuses que tinham adorado antes de sua conversão. Vesta foi mudada em S. Venere; a Alma Mater latina ficou sendo S. Verónica, com a sun esplendorosa lenda do santo sudário, que até curou o imperador. (31) Isis, a deusa egípcia, conduzindo Horus, seu filho menino, nos braços, transformou-se em Nossa Senhora do Pilar e recebeu fervente culto dos povos catholicos, sobretudo da Espanha. (32)

Em todas os tempos, quando a religião nacional entra em decadência e surge, empolgando os espíritos, uma causa

(29) Havet, obra citada, v. 4, pags. 234—235

(30) Vide ob. citada v. 2 pags. 80, 99, 164, 176, 178 e 240, onde são minuciosamente estudados estes factos.

(31) Obra citada, pag. 333 e seg.

(32) Wahn, *Le pape et la société moderne* pag. 212.

qualquer de espanto geral, recrudece a sentimentalidade morbida da religiosidade e as manifestações cultuaes se revestem da mais imponente solemnidade. No tempo de Marcos Aurelio, quando os povos barbaros, como que combinados, ameaçavam assaltar o imperio romano, o paganismo, em frente do christianismo, que avançava, tomou um novo impulso. A religião nacional, deante do perigo da patria, renasceu, afervorou-se.

As almas credulas procuraram na oração o apoio dos deuses. O proprio imperador, que não acreditava nos deuses do paganismo, prestou-se, na qualidade de summo sacerdote official, a presidir os sacrificios publicos e, pegando uma seta e mergulhando-a no sangue da victima immolada, em frente do altar do templo de Marte, arremessou-a para a parte do ceu onde estava o inimigo (33).

O christianismo não offerece um milagre semelhante ao acontecido, com os romanos, na campanha dos Quados. O imperador Marcos Aurelio, que os commandava, tinha-se internado no país inimigo. Era no estio, o calor asfixiava. Os Quados cortaram o abastecimento das aguas e atacaram com impetuosidade o campo romano. Acabrunhados pela sede, os romanos repellião fracamente os ataques dos inimigos. A situação era desesperada, quando, inesperadamente, desabou sobre o campo romano um terrivel aguaceiro.

Todo mundo acreditou em um milagre, diz Renan. Jupiter tinha-se evidentemente pronunciado por sua raça latina. A maioria attribuia o prodigo ás preces de Marcos Aurelio. Outros attribuiram o milagre aos encantamentos do egypcio Arnuphis, que acompanhava o exercito. A legião foi chamada Fulminata, nome aliás que a duodecima legião, no tempo de Augusto, estacionada em Melitena, perto do Euphrates, recebera, naturalmente em consequencia de um accidente semelhante. Os christãos, que serviam no exercito de Marcos Aurelio, porém, admittiram o prodigo como feito pelo Deus verdadeiro em seu beneficio, devido á suas preces. (34) Os christãos ficaram com o seu milagre; os pagãos com o seu; porém o imperador, como nota Renan, talvez nunca tivesse tido noticia das pretenções dos christãos em lhe disputar um milagre, em que elle proprio era tido como autor.

O dr. Binet Sanglé, conta o caso do estupendo milagre acontecido em 1654, com uma menina recolhida e aos cuidados de Jacquelina, irman de Pascal. Tratava-se de um saco lacrimal, cheio de pus, que se podia soldar pelos pontos lacrimaes, pelo canal nasal, formando uma grande bolça, que não esvazeava nunca. A abertura do saco estando quasi obstruída pela inchação da mucosa, o tumor começava a encher, tanto pela accumulação das lagrimas, como pela de pus, um

(33) Renan, *Marc Aurèle*, pag. 254.

(34) *Marc Aurèle*, pags. 274 e seg.

O MILAGRE

quarto de hora depois que fôr evanescido e, no fim de três horas, o volume fôr normal. Havia a sifilite. O canto do dia, a palpebra inferior e a face estavam edemaciadas. O abdômen exhalava mau odor. O medo apreensivo aumentou. A molestia cresceu, a fedor das aguadas, apertando intensamente. O tumor fôrrou duro, resistente, alargando-se sentido vertical. A dor, tendo atingido a dor tânta desapareceu. A descuriosidade curiosa pode curar-se naturalmente, porque quando se sente, depois de infiltração ácida. Mas se fôrca, em cujo conteúdo se achava a enfermidade, fôrrou um valo extra-uterinário ao caso, afirmando que a cura fôrrou milagrosamente feita pelo espírito protecionista da misericórdia de Deus, agindo sobre um dos altares. A história do milagre, contada em fôrmas que podem ser vista de todos, com um olho direito em frente, mostra a mais sábia fôrma em reação de graça. O espírito fôrrou intercedendo e dando a tempo ao povo. Foi cantado um *Te Deum* e as religiões concurram.

O milagre não tem e os milagres extinguidos têm a mesma origem e a mesma veracidade.

O clero católico, agora, propõe aos milagres de uma maneira verdadeiramente estupenda. Além do Boletim do Congresso, temos também o Boletim dos milagres, que atesta milagres e curas maravilhosas e nesse já se fala em uma S. M. de D. Maria, uma nova forma de império que, brevemente, perdi de render milhões para o grande frade, que faz uso de poltrona. Para que não digam que falso no ar, este, perfeitamente embora, alguns milagres recentes de N. S. Auxiliadora, organizados devotamente pelo sultão enleigado da infância brasileira!

O leitor entenda:

O sacerdote João M. Sampaio, confessou haver sentido a voz e no horro de ver-se obrigado a despir o balão talar, pois, a vida de sacerdote lhe é muito preciosa, des-vou a Maria Auxiliadora de cometer sua novena e pedir-lhe a graça sobre os colonos do Boletim Salesiano e, depois, de 7 meses de sifilite, curou-se repentinamente, pelo milagre, manifestado pela dupla gramaça.

A viúva Joaquina Beralli tinha um filho que sofria de tifus, pneumonia dura, meningite, dorço de corrupção e infiltração intestinal. Mandou fizer uma missa e prostrada num altar, o domo lhe bateu.

Henrique Bellotti sofria de uma gastrite intestinal aguda. Fez um voto à Virgem de L. Bento e curou-se.

Cecília Bento tinha uma filha que estava perseguida todos os cérebros. Pegou-se com Maria Auxiliadora e os cérebros voltaram, saudos, esplêndidos, à estrada da memória.

Rosina Bonelli fôrrou um urâncio em tratamento no hospital

(5) Les îles physiologiques, physiques - du développement des religiões pag. 224 e seq.

tal, gravemente ferida. Peço-lhe com Maria Auxiliadora
e o Senhor curar-me!

Ananias José Ferreira achava-se abacalho de grave doença
e quanto já se dispunha a renunciar à vontade de Deus,
com sua morte quasi certa, fez promessa à Virgem Auxiliadora
de dar uma exaltação e mandar publicar a graça no Boletim
Balézino e ficar curado!

Feliciano A. do Rego Cordeiro era automobilista e morrera
a primavera de 1918 e de publicar a graça no Boletim
Balézino tentava-se! Tão encantado ficou com o mila-
gre que, em lugar de 1918, deu 1919 de exaltação!

Bellina Lobo sólita dores agudíssimas em uma perna.
Prometeu a Maria Auxiliadora fazer uma romaria à capela
do colégio Balézino do Recife e mandar publicar a graça no
Boletim Balézino. Curou-se.

Eis aí, em resumo, essas revelações de estupendas
milagres, ponto que, em todos,除了 os medieus ministrados
com os Santos, a farmácia era a água benta. Os padres soli-
stamente já não dando velho a uma nova titular: a Virgem de
D. Bosco. O Boletim Balézino tem sanguinário prestígio nisso,
é tão alto pelos apêlos a Santos, pela Virgem e por Jesus
Christo, que o facto de ser publicada nua graça milagrosa
n'elle, é motivo de respeito e resoice a intervenção divina na cura de
mildícias inenarráveis. (Os padres exploraram a novia e, o que é
mais interessante, é que o Coração de Jesus também ficas muito
vaidoso com a publicação das graças no Boletim do seu
agradecido.) que parece evidente, é que a imprensa vai
ter a grande circulação no paraíso e os imortais ficam es-
plorados quando aqui, na terra, divulgam-se suas admiráveis
graças. Mas a imprensa, querida da céu, é a calézina e a do
apostolado do Coração.

Outra, não serve. Publicar a graça milagrosa no Es-
tandarte Católico não agrada: a publicação deve ser feita
no Boletim Balézino, um ofício à Virgem Auxiliadora, outro no
Coração de Jesus. Cada um delles propala o milagre feito
por seu intercessor e faz bem.

Mas isto é depremente. Se o milagre se manifesta assim,
com essa facilidade, mediante processos ridículos e pecuni-
ários, o milagre é o vulgar, o normal, o comum, e não é mi-
lagro. Maria Auxiliadora ou o Coração de Jesus, N. S. de
Suzana e Carlina da sorte do seu, cada qual fazendo um mila-
gre raro provável da intervenção celeste. O milagre é a
fama e celebre vulgar e diária das factos e se manifesta por
tudo, que significação pode ter?

Não é só isto. No meio de tantos e tão repetidos mila-
gros, por que o poder divino não exhibe deante de uma co-

gregação de medicos a cura de um doente reconhecidamente atacado das cinco molestias incuráveis, attestadas pela beatíssima viúva Bertollo?

Por que não se exhibe deante de uma congregação de physicos, fazendo um corpo pesado, contra as leis da gravitação, erguer-se, livremente, no espaço? Por que não faz, deante de todo o mundo, um cadáver voltar á vida? Os attestados dos pobres erentes valem muito como documentação do facto, porque Deus só faz milagre por dinheiro e só faz milagres ridiculos e de portas trancadas.

Mas o clero entende que, divulgando tais cousas, aumenta os reditos da congregação e anda, como sempre, neste sentido, ajuizadamente.

O expediente do Apostolado, que tem maior estatística milagreira, aguçou os estímulos dos salesianos e a causa vai num *crescendo* encantador. Os milagres andam, agora, aos trambulhões por ahi além.

Os salesianos, que os publicam, dão-lhes, realmente, credito? E a mocidade brasileira acha-se entregue a semelhantes idolatras!

Até quando este pobre país ha de viver explorado por tais e tão avidos estrangeiros, intitulados educadores da mocidade incauta?

Falla-se muito na instrução da infancia, dada pelos salesianos. Mas ninguem se lembra da especulação enorme e lucrativa feita com o trabalho da infancia! Também ninguem se lembra que o frade educa para seus fins dominadores. O regulamento das casas obriga os meninos á «oração frequente, e receber os sacramentos, ouvir a missa, confessar-se de 8 em 8 dias, fazer, ao menos, uma visita diária a Jesus sacramentado, e ser passivamente obediente a seus superiores». Para cumprir tais práticas religiosas, estudar e trabalhar, que tempo fica á criança para dormir, alimentar-se e descansar?

Tais educadores deverão produzir excellentes educandos, homens úteis á pátria e á família! O meio milagroso em que essas crianças vão criadas ha de ser profícuo em virtudes!

Mas o milagre, que se manifesta em tantas cousas insignificantes, como não se exhibe nos casos graves e públicos?

E' porque o milagre é um facto todo subjectivo e só existe na imaginação escaldada do crente. Publicamente, fora do círculo suggestivo da fé, que é cega, nunca o milagre se patenteou nem ha de patentear-se.

E, no entanto, a curia propala tais maravilhas, que são um corpo de delicto contra a propria religião e uma satyrá sangrenta contra a propria divindade.

Nos momentos críticos de calamidade pública, Deus não se manifesta pelo milagre; mas nos casos pessoais, o milagre superabunda. Em primeiro lugar, pode muito bem ser que o crente, sofrendo uma molestia nervosa, se cure pela sugestão da fé propria ou alheia; em segundo lugar, pode ser que o crente, uma espécie de Sixto 5., não sofra e, apenas allegue

o mal para servir aos que fazem questão de verificar o milagre; em terceiro lugar, pode o crente, por simples vaidade, fazer-se objecto de um milagre, para dar-se a importancia de estar em contacto immediato com a divindade.

Esses milagres, contudo, não sahem do circulo dos casos mais communs dos factos naturaes, ou apenas figuram na consciencia dos crentes. Mas nem todo facto extraordinario é, theologicamente, um milagre. O demonio faz maravilhas, realiza prodigios, que não devem ser confundidos com o milagre propriamente dito, a obra excepcional de Deus, em favor de certos individuos favorecidos pela graça. A graça, agora, é uma causa commun, geral, de sorte que todos os crentes no Coração ou em Maria Auxiliadora ou na Virgem de D. Bosco, são cobertos pela graça divina, um privilegio conferido, outr'ora, aos mais santos.

A conclusão é que todos, presentemente, são santos!

O individuo, a quem Deus se manifesta pelo milagre, está cheio da graça divina, é certo.

Mas ha casos dignos da ponderação daquelles mesmos que acreditam mais nessas cousas sobrenaturaes. A «Epoca», de Lisboa, publicou não ha muito, o seguinte:

Carl Zirn, de 19 annos de idade, natural de Speiching (Wurtemberg), filho de Fras Zirn e de Ema Hanser encontra-se na cadeia de Lourenço Marques, preso á ordem do poder judicial, por ter no dia 22 de setembro, ultimo, pelas 7 horas da manhã, penetrado na egreja daquelle cidade e praticado uma serie de actos de tal natureza, que mais parece tratarse d'un louco que d'un criminoso.

Eis como se passaram os factos:

Carl Zirn, aproveitando-se d'un momentaneo abandono do templo, entrou n'elle e fechou todas as portas interiores.

Tomada esta precaucao, foi ao altar-mór e arrombou a porta e a cupula do sacrario, retirou o ciborio, espalhando pelo chão as santas particulas. Em logar d'estas, colleou um pedaço de seda envolvendo uma porção de objectos. Depois pegou uma imagem de Christo, de mafim, e fel-a em pedaços, partiu uma das sacras, arrancou os ramos de flores que enfeitavam o altar e espalhou-as pelo chão.

Seguidamente arremessou ao solo o vaso contendo os Santos Oleos, espalhou pelo pavimento os diversos paramentos.

No corpo da igreja partiu algumas lampadas do lustre, inutilisou dois genuflexorios e deteriorou a imagem do senhor dos Passos, que estava no altar de Santo Antonio.

Da egreja passou á sacristia, onde espalhou pelo chão tudo quanto encontrou nas gavetas e nos armarios. Destruiu quatro imagens, arrancou da cruz uma imagem de Christo de metal branco, retirou dos estojos tres calices e estragou uma cruz processional.

Estava entregue a esta febre de destruição, quando bateu á porta do templo o reverendo Alberto de Menezes. Correu a abrir-a e deparando-se-lhe o sacerdote tentou agredil-

com a haste de uma cruz, obrigando o sr. padre Menezes a pedir que o socorressem.

Entretanto Carl Zirn fechou de novo a porta, abrindo-a pouco depois ao voltar o reverendo Alberto de Menezes, acompanhado de dois sargentos da companhia de sande, aos quaes o louco ou criminoso se entregou imediatamente.

Estes factos são de tal ordem, que assumem proporções excepcionaes. Mas o céu não se manifestou, não puniu o atentado seccando a mão sacrilega, que offendia a hostia consagrada, o verdadeiro corpo de Jesus Christo! No entanto, os livros santos estão cheios de castigos tremendos contra os autores de taes profanações! O milagre aqui não se manifestou em favor das cousas mais santas da religião,—os Santos Oleos, a imagem de Christo, as sacras e outros objectos de somenos santidade. O vigario escapou de ser morto com a haste de uma cruz. O milagre não se manifestou porque Zirn é um louco? Creio. Mas, a favor de quantos loucos o milagre se manifesta? Santa Thereza de Jesus, por exemplo, é, pelos entendidos, considerada louca, uma verdadeira hysterica. Quem pôde, realmente, resolver essa questão é o céu e desde que o céu não feriu Zirn e aceitou entre os seus eleitos Thereza de Jesus e tantos outros, é porque o céu decide como nós entendemos.

Não se manifestou, como não se manifestou nunca em parte alguma.

No paganismo, em casos de menor importancia, a intervenção divina manifestou-se com grande evidencia. Cinta. Havet que, no anno 100 antes da era christian, um padre de Cybelle foi expressamente de Pessinonte, a cidade sagrada da deusa, a Roma, para defender os romanos da colera da Mãe dos Deuses e reclamar expiações proprias para a aplacarem. Foi mal recebido e o tribuno, que o mandou vajar pelo poviléo devoto, cahiu doente de febre e morreu em tres dias. A morte foi considerada um castigo e o padre passou por santo. (36) No caso de Zirn o céo não se moveu.

Na Italia, deante do pontifice infallivel e santo, desabou uma igreja, matando o vigario. O facto é de natureza grave, em um tempo em que os milagres pollulam de todos os cantos e a proposito das cousas mais simples e triviaes. Como e por que o milagreiro Coração de Jesus, a milagreira N. S. de Lourdes e tantas outras fontes beatificas de milagres repetidos e diarios, não correram em defesa do sagrado templo, morada de Deus, das sagradas imagens, elles mesmas milagrentas e do vigario, que officiava santamente deante do santuario?

Si as imagens não servem para se defenderem, como nos poderão defender? Si, para a conservação de um templo divino, fazem-se mister condições da arte humana e nada

influe o poder sobrenatural, para que, então, servir o milagre, que revoga as leis geras do natureza?

A diuturnidade dos milagres vai ridiculizando o milagre. Jesus não praticou em vida tantos prodígios. Muitos actos da sua vida não foram milagrosos. Mas o seu Coração espalha tantos milagres, que a gente já não pode distinguir dos factos communs. Os padres afirmam tudo isto, dão publicidade a todos esses absurdos, a toda essa monstruosa superstição, porque desejam cada vez mais embrutar o povo, para melhor dominá-lo, para melhor auferirem as vantagens da tosquia!

O milagre vulgarizado pela imprensa jesuítica, torna-se uma cousa tão commum, tão choldra, que já não pode ser considerado uma revogação especial das leis da natureza. Desde que Deus se manifesta a todo instante e a propósito de tudo, o milagre é que é o normal e o geral. Isto parece lógico e claro.

Na antiguidade pagan, o milagre, também, era cousa vulgar. Os deuses se immisciam horaneamente nas cousas humanas, tomavam parte nas suas luctas e revezes, nas suas alegrias e nas suas tristezas. A Illíada e a Eneida estão cheias de milagres. O crente antigo tinha a mesma certeza e as mesmas razões para acreditar na veracidade dos seus milagres, que o católico de todos os tempos. Os processos divinos eram os mesmos de hoje e, talvez, mais espontâneos. O sol, a lua, os astros eram deuses e uma multidão de seres sobrenaturales, chamados demonios ou genios, estava espalhada no ar, entre o céu e a terra, como intermediários entre a natureza divina e humana: eram elles que se manifestavam por prodígios e milagres, diz E. Havet. Os philosophos acreditavam nelles. Contam que Bruto, na vespere de sua ultima campanha, deitado, velando, em sua tenda, viu uma figura que se conservava, em pé, perto de seu leito, silenciosa, e que lhe tendo elle perguntado quem era, lhe dou esta resposta: Sou teu mau genio e breve me verás em Philippes. Os deuses se revelavam algumas vezes por sua protecção, outras vezes por sua colera. Conta Dyonisio d' Halicarnasso, que as mulheres romanas, tendo mandado erigir uma estatua á Fortuna femenina, a estatua fallou deante dellas louvando-lhes a piedade e acrecenta que sua narrativa poderá servir para desmentir aquelles que acreditam que os deuses não se importam com as honras que os homens lhes fazem e não se irritam com as impiedades e com as injustiças. (37)

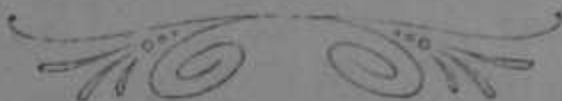
Os deuses gregos eram bellos e viviam como os homens. A arte, a poesia e a eloquencia os immortalizavam na admiração dos crentes. Os deuses e deusas, que se não maceravam, amavam e gostavam das flores e das luzes, só podiam

(37) Le christianisme et ses origines, v. 2, pag. 176.

despertar na alma humana sentimentos de entusiasmo e de ternura. As mais bellas estatuas representavam as divindades. Como crer o grego que os deuses não existiam, diz Ha-vet, quando vivia no meio delles como no meio dos homens e com mais prazer; quando os via tão bellos e tinha os sentidos repletos de suas formas divinas? Também a ação desses deuses parecia sempre presente. Uma inscrição de Eretria nos mostra que esta cidade, tendo sido forçada a receber uma guarnição estrangeira e essa guarnição reti-rando-se justamente durante a procissão de Dionysos, ao som dos hymnos cantados em sua homenagem, o facto foi considerado um benefício de Deus e foi instituída uma cerimonia solemne dessa divina intervenção. (38)

Em que differeem esses milagres dos nossos? A poesia do sobrenatural, de onde emana o milagre, não desperta mais em nós as sensações suaves do bello e do ideal humano, do amor, da ternura e da esperança. A ignorância materializa tudo. O fanatismo conspurca tudo. A visão de Bruto não vale por ventura a visão de S. Paulo? A sciencia é que não tem visões, porque não se alimenta de sonhos. Não precisamos do milagre para cousa alguma, porque o milagre não tem realidade objectiva. Ou o christianismo tem, realmente vida propria para dispensar o milagre, inventado em seu favor, como queria Hegel, ou o christianismo, desmoralizado no milagre, tem de desapparecer, em breve. nonaufragio do papado!

Clodoaldo Freitas.



(38) Obra citada, v. 1, pag. 339.

A Jonathas Baptista.

PRIMAVERA!

Nos ramos
dos verdes pequiás, pelos caminhos,
que canoro vibrar de gaturamos!
Ah! que orgias, que amor, que desalinhos!

A mata toda mûrmura desperta
num sorriso febril.

De varias côres
borboletas fatalam. Numa incerta
affluencia, a correr, por entre flores,
pequeninos regatos se entrecruzam
nemorosos, gracis. De altas ramadas,
se reflectem vaidosos ou se escusam
loiros frutos maduros, pendurados.
Bastas frondes ramalham ondulando
o verde kanitar. Esbrocinados,
grossos troncos se estendem semelhando
broncos torsos de bêryllos colmados.
Meigas aves do céu passam soltando
estranhias melodias. Tresloucadas
libellulas esvoaçam tremulando
sobre as asitas pálpitadas, doiradas...

Sob um céu todo azul o sol esplende.
 Em remotas collinas irisadas
 farfalham palmeiraes. Rapido fende,
 um rio, o chão de argilla. Pintalgadas
 a varias scintillantes, vivas cōres,
 araucárias heris, glaucas lianas
 se enlaçam confundindo os esplendores
 de enredados festões floreos, ufanas.

Canaviaes ao vento
 oscillam sacudindo as niveas pluinas.
 Niveas plumas de neve !... Ah! com que intento
 não as colhe, talvez, o vento?! Algumas
 azulinhas, distantes serranias
 delineam-se ao longe. Em revoadas,
 chasquinam periquitos ironias
 em risadinhas limpidas, trinadas...

PRIMAVERA da vida!

Matizadas
 doces quadras de amor! Quasi em adejos,
 perpassam namorados, as mãos dadas,
 e, nos labios, a rir, canções e beijos!

Meiga estancia do Sonho!

Fugidia
 aurora do Sorriso e da Chimera!
 Oh, tempo que passou! Ave erradia!
 Primavera fugace! Primavera!

Primavera da vida já vivida!
 Quem me dera rever-te, nem que fosse
 para, logo depois, deixar a vida
 num sorriso feliz, suave e doce!

João Pinheiro.

O IDEALISMO PHILOSÓPHICO E O IDEAL ARTÍSTICO ^(*)

XVIII

Mas, si a imaginação creadora é a facultade por excelencia do genio, sinão o proprio genio, em que é que a sciencia lhe pôde ser nociva, uma vez que a mesma sciencia é tambem uma das suas obras grandiosas? Spencer, juiz competente na controversia, já a dirimiu no seu laudo incontrastável. Diz o mestre do evolucionismo philosophico: «A opinião segundo a qual a sciencia e a poesia são oppostas radicalmente provem de uma illusão. Sem duvida, é verdade que, como estados de consciencia, o conhecimento e a emoção tendem a se excluir mutuamente. Sem duvida, é verdade tambem que uma extrema actividade das facultades da reflexão tende a amortecer os sentimentos, assim como a vivacidade dos sentimentos tende a obscurecer a reflexão. O que não é verdade é que os factos scientificos sejam, em si mesmos, destituidos de poesia, ou a cultura scientifica nos torne impropios para o exercicio da imaginação e para o amor do bello. Pelo contrario, a sciencia abre aos sabios mundos de poesia, lá onde o ignorante nada vê. Os homens dados ás pesquisas scientificas nos mostram a todo o momento que sentem não só tão vivamente, porem mais vivamente do que os outros, a poesia do seu assumpto ... Os que conhecem a vida de Goethe sabem que o poeta e o scientistá pôdem coexistir com igual

(*) V. Literatura de 31 de julho ultimo.

plenitude no individuo. Não é uma idéa absurda, sacrilega, acreditar que quanto mais estudamos a natureza menos a reverenciamos? Pensais vós que uma gota d'água perca alguma coisa aos olhos do physico, porque elle sabe que, si a força reunida nos elementos que ella encerra fosse desprendida突bitamente, produziria um relâmpago? O egregio philosopho trata longa e proficientemente do assumpto, entre outras obras, na sua *Educação*, que é uma das bases da pedagogia moderna.

Para que o periodo das invenções geniais já tivesse passado, fôra preciso de duas uma: ou que a humanidade já tivesse entrado em franca decadencia, depois de ter alcançado o auge do seu desenvolvimento, ou que a sciencia tendo devassado todos os reconditos do incognoscível, nada mais tivesse que descobrir. Já mostrâmos a inanidez da primeira *hypóthese*. Quanto à segunda, urge dizer algo. Os nossos conhecimentos sobre o mundo objectivo nos parecem imensos e importantíssimos; comtudo, não passam de uma insignificante nesga do véu que encobre a natureza das coisas. No templo da cidade egypcia de Sais, a estátua velada de Isis tinha esta inscrição symbólica: «Eu sou o que foi, é e será; nenhum mortal levantou o véu que me cobre.» O fundo, a substancia do ser, foi, é e será o eterno mysterio. É o mysterio metaphysico, o *noumeno* de Kant, a lei de substancia de Haeckel, o incognoscível de Spencer, o enigma supremo, para o qual tendemos fatalmente, sem nunca podermos alcançá-lo em toda a sua plenitude. É o alvo de todas as sciencias, o fundamento de todas as religiões, o domínio fugido e inatingivel do idéal. «Os mysterios da religião — diz o padre Moigno — são menos numerosos e menos aterradores do que os mysterios da sciencia. Na realidade, nós não sabemos nada, ou sabemos muito pouca coisa. É o pouco que nós sabemos, nós o sabemos muito pouco. A que se reduzem, em ultima analyse, os progressos das sciencias? A multiplicação dos desconhecidos. Nós não temos a ultima palavra de nada». Por toda a parte nos cercam as afflictões do espirito, o mysterio e o desconhecido. Nós ignoramos a essencia de tudo: força, materia, ether, espaço, tempo, attracção, affinidade, luz, calor, electricidade, magnitismo, átomos, moléculas, etc, tudo mysterio. E o homem, joguete das forças cósmicas que lançaram a terra no espaço, fazendo-a girar em torno do sol, que por sua vez não passa de uma estrela de somenos grandeza, movendo-se tambem no turbilhão da via lactea, como si já tivesse alcançado o segredo do seu destino e conquistado todo o ambito do universo, ousa exclamar, inflado de fôfo orgulho: «Não ha mais mysterios, nem superstições; e sem mysterios e superstições não ha mais religião, nem poesia».

Não, mil vezes não: o ideal não morreu. A imaginação creadora continua a ornar os cerebros geniaes, pois que o inconscível é eterno e a humanidade apenas dá os primeiros passos na sua marcha ascensional para o futuro. O pessimismo só é admissível como estímulo para maiores committedos, jámaiis como symptoma de parada, ou regressão desoladoras.

Que é uma hypothese científica? Logicamente é uma indução não verificada, uma antecipação devinatoria na explicação dos factos, uma generalização que excede o accúmulo empírico dos mesmos factos. É um producto da imaginação creadora, que não pôde ser banido do espirito humano, essencial ao methodo experimental. Para que se fazem experiencias sinão para verificar uma idéa preconcebida, uma hypothese? Os grandes systemas philosophicos, assim como as religiões, são hypotheses sobre a origem e o destino do homem e do universo. Neste sentido, são vastas epopéas, synthetizando o conjunto do saber e do sentimento da humanidade. A mesma lenda, fruto genuino da imaginação, diz mais sobre as idéas, o carácter e as instituições de um povo do que as melhores chronicas e historias, que nella se não inspiram. Uma das mais bellas e mais fecundas hypotheses dos tempos modernos, a que celebrizou Darwin, Geoffroy Saint-Hilaire, Haeckel e tantos outros, vai encontrar suas origens nas lendas hindus e gregas sobre as metamorphoses e transformações dos seres animados. Guyau mostra a «identidade originaria entre o homem e a natureza» vagamente sentida pelos primeiros poetas, abrindo-lhes mais abundantes as fontes da poesia. Na grande epopéa hindu, Rama exclama, embriagado de amor, no meio da floresta que o envolve: «Vês este cipó flexivel? Collocou-se amorosamente sobre este robusto tronco, como tu, Siva, fatigada, deixas teu braço apoiar-se no meu braço». «Aqui—diz Guyau—ha mais que symbolismo: o poeta hindu entreviu esta real identidade de natureza entre todos os seres animados, que lhe põe no coração uma sympathia sem limites pela natureza, fremente de vida e de desejo». Este presentimento antigo foi plenamente confirmado pela sciencia do século XIX, que, apoiando-o em factos irrecusáveis, formulou as leis do transformismo das especies, revolucionando a biología. Os poemas de Valmiki, de Homero e Ovidio, verdadeiras inspirações geniaes, estão de acordo com os dados mais adeantados da sciencia actual.

Uma lei mesma tem alguma coisa de divino com os seus característicos essenciaes de infinitade e universalidade. A lei da evolução, ligando todos os seres do universo, desde os astros que volteiam na immensidade, até aos instictos e ás

ídias que se debatem na consciencia humana, tudo marchando do homogeneo para o heterogeneo, diferenciando e reintegrando as fôrças e os elementos da natureza, na sua eterna faina conservadora e progressista, é a maior conquista do espirito humano, abrangendo a sciencia, a religião e a poesia na região inacessivel do ideal. A lei newtoneana da gravitação, equilibrando no ether universal todos os corpos celestes—a lua em torno da terra, a terra em torno do sol, o sol através das constellações, as constellações através da via lactea, a via lactea através dos firmamentos, produz a harmonia das esphéras, o cantico dos canticos nos páramos sideraes.

As intuições da verdade scientifica são «illuminações interiores», como dizia Faraday, ou «vistas interiores» *insights*, como dizia Carlyle, sò proprias do genio, tão necessario ás artes como á sciencia. O mesmo Faraday fez uma observação introspectiva, para dar conta da sua mais notavel invenção. Um dia, depois de longas reflexões, percebeu, de repente, numa visão poética, o mundo inteiro atravessado por linhas de consistencias, cujo tremulamento sem fim produzia a luz e o calor através da immensidade. Esta visão intuitiva foi a primeira origem da sua theoria sobre a identidade da fôrça e da materia. O instincto do genio não é sinão a razão em seu principio mais profundo, e encontra-se na fonte da propria sciencia. Não é, pois, o progresso da razão que pode fazel-o desapparecer. «A sciencia jamais impedirá o verdadeiro genio de abrir elle proprio um caminho, como os *destinos*, e de achar a sua fórmula propria: *fata viam inveniunt*.» Esse caminho nem sempre é trilhado e essa fórmula nem sempre é seguida pelo seu proprio inventor. Pouco importa. Serão patrimonio da familia, da patria ou da humanidade. Eis ahi tudo. Christo disse: «Amarás ao teu proximo como a ti mesmo»,—é este o segundo grande mandamento da sua doutrina. S. Vicente de Paulo abre um azilo ás creanças abandonadas. Ambos são genios, benfeiteiros dos seus semelhantes: um na preceita do preceito evangélico; o outro na prática da virtude christã. Quando não houver mais genios no mundo, a humanidade regressará para o anniquilamento final, entoando o *de profundis* sobre a sua ruina ir reparável. A superficie da terra passará a ser um vasto cemiterio sem esperança de renovação possivel. Poder-se-lhe-á applicar a célebre inscripção da porta do inferno dantesco:

Lasciate ogni speranza voi, che'ntrate.

Mesmo assim, ainda que essa prophecia sinistra viesse a realizar-se, Novicow deixa entrever uma réstia de luz no quadro pavoroso do juizo final. «Os pessimistas—diz este egregio ethnólogo—desejariam suprimir a vida. Como isso é

facil! Persuadi então os mil e quinhentos milhões de seres, que se agitam no globo, a que se suicidem ou que não façam mais filhos. E, ainda que vós os houvesseis persuadido, para que serviria isso? Si o homem desapparecesse hoje da terra, um outro ser aqui seria rei, e por muitos e dilatados millennios a vida continuaria ainda no planeta a sua marcha imperturbavel e triumphal.» Como se vê, o idéz vai sempre adante como pharol inapagavel, mesmo depois do exicio total da humanidade. Si, por acaso, esta se extinguisse, o ideal lhe sobreviveria com a vida, que é eterna, como expressão da dynamica universal.

(Continúa)

HYGINO CUNHA.



OLHOS

Olhos de estranha cor . . . grandes cirios ethereos . . .
—Eu vejo nesse olhar, sublime e extraordinario,
As syntheses da Vida—um segredo bem vario:
Emblemas, crispações, phantasias, mysterios!

Fingem, ás vezes, chorar longos prantos funereos,
—Prantos de estranha luz desfiando em rosario . . .
Ha infernos na retina, ha ceus, ha cemiterios,
Asas negras do Mal num fundo incendiario!

Olhos negros, crueis, inconstantes, maldictos!
Olhos feitos p'ra o Amor, profanado e profundo!
Emblemas de mil Soes refractando infinitos . . .

Olhos grandes, fataes, olhos de fingimentos . . .
E' por elles que eu, nas estradas do Mundo,
Vivo triste a vagar com a cruz dos meus tormentos . . .

Zeca Belleza.



Accções rescisorias

*No direito patrio a accção rescisoria, que é uma accção ordinaria, que prescreve em 30 annos (Sylva, *Ad ordinaciones* liv. 3.^o, tit. 75, pr. n. 11; P. e Souza, *Primeiras linhas*, nota 880) processa-se e julga-se na primeira instancia, com recurso para a segunda, quer a sentença rescindenda tenha sido proferida na primeira, quer na segunda instancia.* (Voto do ministro Pedro Lessa, na discussão do regimento interno do Supremo Tribunal Federal).

A jurisprudencia da superior instancia estadoal é instável e moveida como as dunas do litoral da Amarração.

Ao tempestuar de paixões inconfessaveis, desfazem-se os montões de julgados de hontem, que ficam soterrados sob as novas decisões de hoje, condenadas, tambem, a um desaparecimento proximo, debaixo de outras mais novas, que se lhes vão sucedendo indefinidamente.

E' um trabalho intenso, impofículo e infundável, de fazer e desfazer a propria obra, para refazel-a em seguida e recomençar a sua destruição. Nessa lida sem termo, toda accção e reacção obedece á força dos ventos que sopram no momento á feição dos interesses e conveniencias em jogo. E não ha prodigo de engenharia que consiga a fixação das dunas de nossa jurisprudencia casuística.

Para que não se pense que phantasiámos os factos, citaremos, de passagem, alguns exemplos que apoiam as nossas palavras.

Ha cerca de seis annos, o tribunal do Estado julgava competente a justiça local para officiar nos litigios entre cidadãos de Estados diversos, contra a literal disposição do art. 60, alínea d., da Constituição federal. A secretaria do tribunal está repleta de autos, julgados em tales circunstâncias. Só depois de vigorosas soffreadas, conseguimos desvendar o erro e botar no caminho direito os nossos julgadores.

Até bem pouco tempo, os termos de assentada, que precedem a inquirição de testemunhas, em todos os processos, eram actos que ninguem lia, porque não tinham a minima importancia e não passavam das mesmíssimas palavras sacramentais do officio dos escrivães. De um momento para outro, aquelles termos tão simples, até então completamente despercebidos, tornaram-se as peças mais importantes de qualquer processo! Aí do feito cujo termo de assentada não explicar, com todos os pormenores, que as testemunhas estiveram recolhidas a uma sala secreta, onde se conservaram incommunicáveis com o respeitável publico e donde não podiam, mesmo com auxilio de corneta acustica, ouvir os depoimentos das outras! O feito que vier inquinado dessa falta substancial, estará insanavelmente nullo, porque hoje, segundo a doutrina vencedora no tribunal, a assentada, sem expressa incommunicabilidade das testemunhas, é a maior e a mais insuprivel de todas as nullidades! E assim, transformado em verdadeira *machina annullatoria*, tem elle fulminado de invalidade dezenas e dezenas de processos. Fez o que ainda não havia feito, até então, com outros vicios considerados mais graves: expediu circulares aos juizes do interior do Estado, recommendando-lhes assentadas com todas as formalidades da nova pragmática processual.

Não sabemos qual o remedio que se dará aos julgamentos das centenas de autos findos, archivados no cartorio do tribunal, nos quaes os termos de assentada se acham eivados das fallas que até então ninguem descobrirá.

Que é da coherencia entre os julgados de hontem e os de hoje, proferidos pelos mesmos julgadores? Essa coherencia que, no dizer de um escriptor, é a honestidade do espirito, não encontra guarida no seio da alta magistratura estatal.

Parece que falta aos seus membros componentes a identidade pessoal, exigida pelo eminentíssimo jurista frances Gabriel Tarde, para integrar a responsabilidade do homem. Essa identidade, como explica elle, na sua *Philosophie pénale*, «é a permanencia da pessoa, é a personalidade encarada em relação á sua duração. Tem por fundamento a memoria e o habito. A causa dos habitos de um individuo está no individuo mesmo,

está no cérebro, no eu. O eu é o feixe, a reunião dos hábitos, dos preconceitos, dos talentos, dos conhecimentos conformes ao carácter lentamente mutável. Enquanto o indivíduo dura, a sua personalidade sofre transformações ou antes variações sobre um tema mais ou menos identico; a identidade não é destruída, é attenuada. Cada um tem a noção, o sentimento da sua identidade. Somos mais ou menos o que éramos hontem, antehontem, ha um anno, ha dez annos." Nos documentos humanos que tomamos para objecto dos nossos estudos, observa-se o rompimento brusco entre o passado e o presente, a destruição da identidade pessoal, conduzindo-os á completa irresponsabilidade. E' a conclusão a que nos leva a teoria tardeana...

Mas insistimos ainda sobre a formalidade *substancial* do isolamento das testemunhas. Trata-se, não ha negar, dum simples questão de polícia e de ordem, que deve manter na audiencia o juiz que a preside, sob a immediata fiscalização das partes interessadas. Não haveria litigante que se conformasse com a inquirição, em promiscuidade, das testemunhas do seu contendor, porque está evidente que as respostas de umas influiriam para as das outras. Não é, porém, da substancia de nenhum processo a documentação do logar onde estiveram as testemunhas, como não o é a dos logares ocupados pelo juiz, pelo escrivão, pelas partes e seus advogados, pelos simples espectadores etc.

E, si fosse imprescindível constatar a separação das testemunhas, não seria o termo de assentada a peça mais própria para isso. Do proprio depoimento de cada uma dellas constaria que fôra interrogada de modo que as outras não lhe ouviram as respostas. Em conclusão, para o caso que se discute o tribunal criou, *ad libitum*, mais uma nullidade visceral, de que não cogitaram as leis.

Ha muitas outras incongruencias, cuja enumeração seria interminável e tomaria todo o espaço que nos concedem nesta revista. Citaremos, apenas, mais umas duas ou tres, para exemplificação. Não têm conta os autos julgados e findos, dos quaes não consta que se tenha dado contra-fé da citação inicial á parte citada.

Era uma falta que passava por alto e a que ninguém ligava importância, porque dessas coisas mínimas não cuidam os nossos pretores. De certo tempo para cá despertaram elles, abriram bem os olhos e começaram a enxergar mais uma nullidade radical, naquelle falta até então desattendivel. E como estavam na berlinda diversos processos, cuja anulação convinha a certos interesses, aproveitaram a descoberta e fizeram taboa raza de todos.

Em matéria de *habeas-corpus*, vigorou até pouco tempo uma doutrina estapafurdia do tribunal piauhyense: só se concedia aquelle remedio assecutorio da liberdade, aos accusados de crimes inafiançaveis! Os que praticavam delictos leves e afiançaveis eram julgados indignos da protecção daquelle sabio instituto constitucional!! Só aos grandes delinquentes, autores de crimes graves, aproveitava a providencia do *habeas-corpus*!

Os cartorios estão cheios de decisões que atestam o predominio dessa doutrina exótica. Não tardou, porém, que a necessidade batesse á porta ou cahisse em casa dos proprios doutrinadores, para fazel-os mudar de rumo e de idéias.

Passaram a dar o *habeas-corpus* até aos autores de contravenções, nas quaes os accusados se livram soltos, como num celebre caso de uso de armas prohibidas. E' que os proprios distribuidores da justiça não a querem na sua porta...

Agora estão em fóco as acções rescisorias. Mesmo em relação a estas, nota-se uma grande solução de continuidade entre os julgados de hontem e os de hoje.

Não vae muito longe, as rescisorias tinham, no fôro estadoal, o curso das acções ordinarias em geral, sem nada de mais ou de menos. A competencia era reconhecida, por continencia de causa, aos mesmos juizes da sentença rescindenda, a começar no da primeira instancia e terminar no da segunda, isto é, percorrendo os mesmos trâmites da acção em que fôra proferida aquella sentença.

Houve até um caso, ainda recente, da rescisão de um accordam do proprio tribunal de justiça. A acção foi iniciada no juizo de direito da comarca de Amarante, entre as partes coronel Demosthenes Ribeiro, como autor, e Luiz Moura, como réo. O juiz da primeira instancia decretou a rescisão do accordam, por ter sido pronunciado contra direito expresso, e vieram os autos, em grau de appellaçao, para a instancia superior.

Aqui acharam tudo muito regulamente processado e confirmaram a sentença. Por signal que, no julgamento dos embargos oppostos ao accordam confirmatorio, só não teve ganho de causa o réu, porque não foi admittido a tomar parte um desembargador que estava presente, mas que não o estivera na votação do dito accordam. O voto desse desembargador era sabidamente favoravel ao direito do réo, desde a primeira acção. E' que imperava, então, a illegal e absurda theoria de só julgarem os embargos aos accordãos os proprios desembargadores que houvessem proferido taes accordãos, ainda que outros comparecessem á sessão! Tão con-

demnável teoria só foi abandonada por accordam de 24 de março de 1912, quando o tribunal reconheceu o erro em que laborava, graças a um protesto que, na qualidade de advogado do professor Honorato Ferreira Cabral, formulámos no final de uns embargos, com apoio na letra expressa do regimento interno do proprio tribunal! Como dizíamos, a respeito de acções rescisórias, as causas marchavam nos seus eixos, observando-se as normas processuaes estabelecidas para as acções ordinarias em geral. Vae senão quando, interrompe-se a marcha batida de tantos annos, por uma estrada larga e direita, e envereda-se por um atalho escuso....

Surgiu um desses casos que podem mais do que as leis. E os velhos julgadores mudaram de rumo, á feição dos ventos...

Errar é proprio da humanidade.

Emendar o erro é tambem um acto muito humano e muito commun.

Mas deixar, conscientemente, o caminho certo para seguir o errado, não é da indole dos seres racionaes.

Tal a censura em que incidem os membros do tribunal. A sua desnorteação, ninguem o ignora, obedece á sede de absorção dos julgamentos de todas as causas civis que se agitam no Estado. Com isso, augmentam elles a sua influencia politica. E como, até agora, as acções intentadas no juizo districtal findavam no juizo de direito, trataram elles de avocal-as ao seu conhecimento, por meio das acções rescisórias.

Estas que, até aqui, constituiam uma excepção muito rara no fôro, por serem restrictissimas as hypotheses em que a lei as admitte, passarão, de hoje em diante, a constituir a regra geral para as sentenças dos juizes districtaes.

A nova doutrina acaba de ser firmada no accordam de 7 deste mez, que deu provimento a um agravo da comarca da Parnahyba. Trata-se de rescindir uma sentença do juiz districtal do termo que é sede daquella comarca, sentença que fôra confirmada, em grau de appelação, pelo respectivo juiz de direito. Aforada a nova causa perante este, julgou-se incompetente, por entender, muito direitamente, que a competencia já estava predeterminada para o juiz da primitiva causa.

Aggravaram os autores, que obtiveram esta decisão:— «accordam em tribunal dar provimento ao agravo, para mandar que o juiz *a quo*, reformando o despacho aggravado, se julgue competente para o processo e julgamento da alludida acção, que é uma acção nova e independente, por quanto NO JUIZO ULTIMA DAS SENTENÇAS RESCINDENDAS É QUE DEVE SER MORTA A ACÇÃO RESCISÓRIA, por isso que o juiz inferior não tem

competencia para rescindir, reformar e desfazer as decisões do juiz seu superior—Accordams do Supremo Tribunal Federal, de 6 de dezembro de 1911 e 15 de junho de 1912.»

Esse accordam do tribunal piauhense é um attentado flagrante contra a Constituição estadoal e as leis processuaes, cujos preceitos lhe compete velar e guardar fielmente. Transformaram-se, dest'arte, os guardas em algozes e espesinhadores do objecto guardado.

Antes de tudo, é preciso ter muito em vista que, pelo nosso regimen constitucional, cada Estado, assim como a União, tem a sua organização judiciaria e as suas leis de processo. Não se pode, pois, arbitrariamente, como acaba de fazer o tribunal do Piauhy, applicar ao nosso mecanismo processual, uma decisão do Supremo Tribunal, tomada sobre materia de competencia dos juizes e tribunaes federaes, porque tambem temos a nossa legislação local sobre essa materia. Da mesma forma e pelo mesmo motivo, não nos podem aproveitar as decisões dos juizes e tribunaes dos outros Estados, sobre assumptos propriamente processuaes, salvo quando as suas leis, a esse respeito, coincidirem com as nossas, o que raramente se verificará.

Fòra desse caso, cada unidade da Federação, bem como esta, gira com absoluta independencia, dentro da esphera de suas attribuições constitucionaes.

As decisões dos tribunaes competentes, que interessam, geralmente, ás justiças de todos os Estados, são as que versam sobre interpretação e applicação do direito substantivo. Vejamos a que consequencias conduz o accordam local de que nos occupamos. Nelle se estabelece, imperativamente, que no juizo da ultima das sentenças rescindendas é que deve ser movida a accão rescisoria. Assim, si a sentença tiver sido lavrada, em segunda e ultima instancia, pelo tribunal de justiça, perante este será processada e julgada a rescisão. Mas, para isso, é preciso rasgar primeiro a Constituição do Estado, porque esta não dá competencia originaria ao tribunal para o processo e julgamento de nenhuma causa civel. O art. 48, que é duma clareza solar e não comporta interpretações ampliativas ou restrictivas, dispõe:—«O tribunal de justiça DECIDIRÁ EM SEGUNDA E ULTIMA INSTANCIA TODAS AS CAUSAS CIVIS, commerciaes e criminaes que a lei submeter ao seu conhecimento, competindo-lhe tambem o processo e julgamento do governador nos crimes communs, dos secretarios de Estado e dos juizes de direito, nos crimes communs e nos de responsabilidade.»

Dentro desse texto constitucional, repetimos, não haverá quem seja capaz de descobrir a competencia que se arro-

ACCÕES RESCISORIAS

ga o tribunal, para processar e julgar originariamente as causas cíveis de rescisão das suas decisões. E, a prevalecer a insustentável teoria do accordam, ter-se-ia uma única instância, para essas causas, quando a Constituição e as leis ordinárias estabelecem taxativamente duas instâncias para todas as causas cíveis.

O princípio de direito judiciário que serve de fundamento à instituição das duas instâncias, como ensina o ilustrado dr. Pedro Lessa, importa numa garantia para os direitos das partes.

Esse mesmo tribunal que hoje decreta, autoritariamente, a supressão duma instância, quando teve de declarar constitucional a lei que instituiria o recurso de revista nas causas da competência do juiz distrital e julgadas, em grau de apelação, pelo juiz de direito, proclamou, em vários accordãos, que era um princípio de direito constitucional do Estado o estabelecimento das duas instâncias e que aquelle recurso importava numa terceira instância, inadmissível em face da Constituição.

Na discussão do agravo da Parnahyba, ficou assentado, por fora dos autos, que na rescisão de accordam do tribunal o juiz de direito da comarca respectiva preparará o processo e submeterá ao julgamento do mesmo tribunal; e quando se tratar de sentença do juiz de direito, em acção iniciada perante o juiz distrital, a rescisão será preparada por este e julgada por aquelle, com recurso para o tribunal. Assim é que a Constituição será triplamente violada. Na primeira hypothese dar-se-á, privativa e originariamente, o julgamento numa só instância, pelo tribunal superior, contra as normas traçadas no art. 48, acima citado.

Depois, confere-se ao juiz de direito a atribuição de simples preparador, quando o art. 61 manda que elle, na séde da comarca, prepare todos os processos cíveis, commerciaes e criminaes, CUJO JULGAMENTO LHE PERTENÇA EM PRIMEIRA INSTANCIA.

Desde que não lhe compete julgar as acções rescisórias, também não lhe compete prepará-las, porque, segundo a letra do texto indicado, elle só prepara os processos do seu julgamento. Finalmente, na ultima hypothese, arvora-se o juiz distrital, mesmo da séde da comarca, em preparador de processos para o julgamento do juiz de direito, quando o § 1º do art. 61 só lhe confere tais atribuições nos termos fóra da séde. Vê-se, portanto, que a innovação trazida pelo accordam de 7 de agosto, além de infeliz e desastrada, vai de encontro aos preceitos constitucionais.

Os fundamentos desse julgado são frageis e irrisórios: —

por isso que o juiz inferior não tem competencia para rescindir, reformar e desfazer as decisões do juiz seu superior. Antes de tudo, ha ahi um grave erro de observação.

A sentença rescindenda não é somente do juiz superior, mas tambem do juiz inferior, que a proferiu em primeiro lugar. Mesmo no caso de haver a sentença daquelle reformado a deste, trata-se de actos para os quaes, em dado momento do processo, cada um tinha a sua competencia, a sua autoridade e a sua responsabilidade. E uma vez que a acção rescisoria percorre os mesmos turnos da acção em que se deu a sentença rescindenda, a rescisão decretada pelo juiz inferior será confirmada ou revogada, em grau de recurso, pelo superior.

Assim, quer a primeira sentença, quer a sua rescisão, tem de transitar pelos dois juizes, cada qual por sua vez, sem que um invada as attribuições do outro e sem que a decisão do inferior possa prevalecer sobre a do superior. Não ha quebra do principio da hierarchia judiciaria, como pretende o accordam innovador. Esta é a verdadeira face, pela qual deve ser encarada a questão. O mais é paixão vazia.

A prova de que o julgamento de um processo, pelo juiz da segunda instância, não põe termo á jurisdição do juiz da primeira, é que a execução vem correr perante este. E nas execuções de sentenças dá-se o mesmo facto observado nas acções rescisorias, isto é, o juiz inferior pode decretar a nullidade da sentença exequenda, do juiz superior, no caso de oposição de embargos que se julguem provados. Mas, da mesma forma que na rescisão, a nullidade será ou não confirmada pelo juiz da ultima instância, para o qual cabe o recurso de apelação.

E assim como nas execuções não se dá, nem se descobriu, ainda, nenhuma violação do principio de subordinação hierarchica, assim também não se verifica, nem ninguem provará tal violação nas acções rescisorias.

Os autores do accordam foram duma infelicidade absoluta, na citação das decisões do Supremo Tribunal, com as quaes pretendiam sustentar a doutrina vencedora.

Na justiça federal mesmo, é muito vacillante essa doutrina, havendo inumeros julgados pró e contra.

No juizo seccional deste Estado, por exemplo, foi proposta, ha cerca de dois annos, uma acção rescisoria de um acordam do Supremo Tribunal. Julgada na primeira instância, subiu á segunda, por meio de apelação, e lá se encontra, pendente de julgamento. Quaesquer que sejam as decisões dos juizes e tribunaes federaes ou dos outros Estados, sobre direito judiciario propriamente, não podem, como já dissemos,

influir directamente sobre o nosso processo local e muito menos modifical-o, especialmente em se tratando de competencia, que é matéria *stricti juris*.

Nos quoque gens sumus et legem habemus. Ultimamente, ao votar-se a reforma do regimento interno do Supremo Tribunal, travou-se entre os seus ministros importante discussão sobre a marcha a estabelecer para as acções rescisórias. A melhor doutrina foi exposta e defendida magistralmente pelo dr. Pedro Lessa, que exgottou o assumpto, com a proficiencia e a autoridade que todos lhe reconhecem. E' pena que a exiguidade de espaço não nos permitta transcrever na íntegra o voto do excelso mestre do direito.

Damos, porém, as conclusões a que chegou elle, depois de fazer o historico daquellas acções e de demonstrar, com argumentos irresponsáveis, que não tem cabida num regimento interno o estabelecimento do curso de processos, abrangendo até a primeira instância, como se fez, por ser matéria de direito adjetivo, da competencia do poder legislativo. «No direito patrio, fala o mestre, a acção rescisória, que é uma acção ordinaria, que prescreve em 30 annos (Sylva, *Ad ordinationes*, liv. 3º, tit. 75, pr. n. 11; P. e Souza, *Primeiras linhas*, nota 880) processa-se e julga-se na primeira instância, com recurso para a segunda, quer a sentença rescindenda tenha sido proferida na primeira, quer na segunda instância. Assim tem julgado varias vezes este tribunal (*Direito*, vol. 82, pag. 347, vol. 90, pags. 39 e 578, e vol. 98, pag. 657). Assim têm julgado as relações dos Estados (*Direito*, vol. 84, pag. 573, e *appellação civil n.º 1782*, do tribunal de S. Paulo). Dar á acção rescisória o carácter de recurso, continua Pedro Lessa, equipara-la á *requête civile do Código do Processo Civil Francez*, à *revocazione do Código do Processo Civil Italiano* etc, lóra attentat manifestamente contra a terminologia jurídica, contra a lingua technica do direito. Uma acção ordinaria que prescreve em 30 annos, francamente, nada tem de comum com os agravos, appelações, revistas e recursos extraordinarios. A acção rescisória, repete elle por fim, qualquer que seja a sentença rescindenda, deve ser processada e julgada na primeira instância, com recurso para a segunda.» Eis ahí a verdadeira theoria, de acordo com a logica dos principios que lhe servem de fundamento.

Nesses termos, precisamente, é que deve ser posta a questão, em face do nosso direito constitucional e processual.

Enfrental-a por outro piisma e desprezar esses doutos ensinamentos, para chegar a fins inconfessaveis, é infringir conscientemente a Constituição e as leis ordinarias e sahir do papel de julgador, para se metamorphosear em legislador absoluto.

to. A controvérsia suscitada em torno da Constituição Federal ainda se explica, pelo facto de haver dado competência ao Supremo Tribunal para processar e julgar, originaria e privativamente, diversas causas cíveis. Perante a Constituição estandoal, porém, não tem razão de ser a controvérsia que, a exemplo daquela, acaba de levantar o tribunal de justiça, porque lhe fallece competência para o processo e julgamento, privativo e originário, de qualquer causa cível, e a competência dos juízes de direito e districtaes ali está irrevogavelmente traçada.

Em conclusão, o que fez o tribunal, com o seu já celebre e cerebrino accordam, foi implantar um regimen de completa dictadura judiciaria. E agora vão chover as acções rescisórias, a propósito de tudo. Quando não houver fundamento, inventa-se. E o resultado será o mesmo.

No caso da Parnahyba, por exemplo, allega-se que a sentença rescindenda attentou *contra direito expresso*. Vae ser este o chapão. Segundo nos informou um distinto advogado, que patrocinará a causa dos réos, aquella sentença foi numa acção de obra nova. Um condómino de um predio pertencente a diversos, estava levantando uma obra. O vizinho, prejudicado com ella, embargou-a e prosseguiu na acção, com o dono da mesma obra, até final.

Argue-se agora, como base da rescisão, a falta de citação duma menor pubere, condomina do predio em questão.

Mas esta, como argumenta muito bem aquele advogado, nada tinha com a obra nem com a acção, como não tinham os outros condóminos, por se tratar duma questão de posse e não de domínio.

A prevalecer a pretenção dos autores, sempre que se tratasse duma acção possessória sobre terras possuidas em communum, deveriam ser citados todos os communheiros. Emfim, aguardemos os sazonados frutos da reforma decretada pelo tribunal.

Theresina — agosto — 1913.

V. Tito.



Primavera

Riso do tempo para a vida,
Riso da vida para o amor,
Sorri a primavera diffundida
Na alma feliz da natureza em flor.

Então, a terra inteira,
Como se a despertasse o agreste calamo,
A frauta magica de Pan,
Esplende á luz, palpita e cheira.
E é toda um redolente e verde thalanio,
Para a festa nupcial de uma deusa pagã.

Uma emoção sadia e virginal
Parece que a domina e transfigura,
Quando no plaustro de oiro e azul da aurora,
Surge, das nevoas, Flora,
Na sua graça idéal de noiva e de vestal.

Tudo celebra os esponsaes
Da diva irmã, n'um casto epithalamio:
O claro céu, o sol radioso e flameo,
Os passaros, as fontes, os rosaes...

Genios do azul, numes da selva,
Gnomos subtis, sylphos inquietos
Giram velozes em redor
Dos floridos vergeis, da florea relva,
E a alada nuvem dos insectos
Vae-se tornando cada vez maior.

O tepido casulo, a nympha calida,
Onde vivia exul,
Abandona a voluvel borboleta
E, de asas irisadas, a crysallida
Vae, beijando em volteios, pelo azul,
A rosa, o cravo, o lyrio, a camelia, a violeta...

Aureas abelhas,
 Bailando no ar anciosas, como loucas,
 Beijam todas as flores do vergel,
 Sugam sensuaes as sequiosas boccas
 Dos puniceos jasmins e das rosas vermelhas,
 Buscando o pollen de oiro para o mel.

Aos bandos e ás myriades,
 Os insectos e os passaros em festa
 Parecem despertar
 As fadas vegetaes, oureades e dryades,
 Todas as divindades da floresta,
 Para ver Flora que se vae casar.

E' o noivado de Flora, a Primavera,
 A encher de luz e aroma a esphera
 E sobre a terra flores a esparzir...
 O azul do céu tem tanta suavidade.
 Que a gente chega a ter s:uidade
 Do mysterio de luz de uma vida por vir.

Os nossos corações
 Enchem-se de illusões e desejos romanticos
 Na harmonia dos sons, das cores, dos perfumes,
 Que canta, que irradia e se evola dos canticos
 Das fadas e dos numes
 Que vivem a sonhar nas flores e botões.

Tempo de amor, para se amar,
 A Primavera, com as primeiras rosas,
 A alma perturba em seduções infindas...
 E a volupia do olhar
 As flores são mais lindas
 E as mulheres mais frescas e cheirosas.

A Mocidade, a Graça, a Belleza, o Prazer
 Acordam todos na amorosa lucta,
 N'uma expansão harmonica,
 Desde o homem que pena, á natureza bruta,
 Da vida espiritual á vida atomica,
 —Porque é preciso amar para viver,

E a Primavera nos conduz
 Pelas azas do Amor ao céu da vida,
 Que vibra transmutada e reflectida
 Na Natureza rejuvenescida
 Pelo som, pela Cor, pelo Amor para Luz.

FOLKLORE PIAUHIENSE (*)

SANTO ANTONIO DE JEROMENHA

Contaram-me, tal qual, a lenda que se segue, conhecida em Jeromenha e seus arredores. Jeromenha que é um dos lugares mais antigos do Piauhi, é muito lendaria, muito cheia de tradições. Fala-se no *olho dagua dos frades*, logar onde uma vez se arrancharam uns frades santos; no *olho dagua do Pinga*, fonte que dà agua pingo por pingo, por effeito milagroso, e, entre muitas cousas, nesta lenda:

No começo da edificação da cidade, em meados do seculo XVIII, encontraram em certo logar a imagem de um Santo Antonio. Todos sabem que Santo Antonio é um dos santos mais milagrosos. (1) Amarrado à basta de uma saia - faz casamento; no cós de uma ceroula - faz a gente livrar-se dos inimigos. E mais... é preservativo de muitas outras cousas.

Achado o santo por um vaqueiro, foi levado num alforje (2) para a fazenda Citarola, duas leguas distante do local onde fora encontrado. Ahi foi posto num oratorio, e em familia já se projectava erigir uma capella ao santo, com a ajuda dos aggregados e de todos os moradores daquellas circumvizinhanças. ✓

Rezou-se muito na noite desse dia e deixou-se o santo trancado no seu novo aposento. Ao amanhecer, porém, quando procuraram a imagem esta já havia fugido. Puzeram-se no

(*) Veja o fasciculo de 31 de julho ultimo.

(1) Os responsos de Santo Antonio são conhecidos em todo o norte do Brazil.

(2) *Alforge*, saco de couro que conduz comidas e que os vaqueiros levam nas ancas dos cavallos quando vão ao campo, ou mesmo a simples viagem.

seu encalço rastejando-a, porque deixava suas pegadas por onde passava, e foram encontral-a no mesmo logar do dia anterior.

Repetiu-se o facto por mais de duas vezes, e sempre o santo a voltar sosinho, pelo que se resolveram a erigir uma igreja naquele logar por elle mesmo escolhido.

O milagroso santo tem sido sempre o objecto da adoração fervente daquelle povo. Houve um padre que o substituiu por uma imagem maior, logo que esteve prompta a igreja. Aquelle continuou a ser o milagroso, o santo da devoção. Nos ultimos tempos, porém, o santo já muito envelhecido, desincarnado e feio, pedia uma reforma. O parocho da freguesia se encarregou de mandar buscar nova imagem.

Consta-me que é uma perfeição de arte. O povo, porém, é que não quiz saber dessa perfeição, e o tem impugnado nas procissões, nas adorações, nas menores manifestações, porque o *Santo Antonio novo*, como lhe chamam, é maçon, visto como tem o pé esquerdo na frente. O Santo Antonio velho é que é o verdadeiro, é que é o bom.

O CARNEIRO DE OIRO

Conta-se que se dá em Campo-maior, na Serra de Santo Antonio, a apparição de um enorme *carneiro de oiro*, que se tem apresentado a algumas pessoas, de dia, e a outras que o vêm á noite, de longe, da villa, todo vestido de luz. Dizem que elle berra junto a uma enorme corrente de ferro (3) como que indicando que naquelle logar existem grande riqueza e grandes encantos. Mas, como uma só pessoa, ou mesmo duas e tres não possam levar para sua casa aquelle enorme achado precioso, volvem á villa e reunem povo para buscar o velocino. Em chegando, porém, ao logar, desaparece o carneiro e a corrente.

Isto ouvi contar, em 1884, por uma ve'ha de mais de 80 annos, antiga moradora em Campo-maior e que afirmou ter visto de longe o *carneiro de oiro* com uma estrela de brilhantes na testa.

A IGREJA DE PEDRA

Contam egualmente que em Campo-maior ha uma

(3) Os jornaes da capital do Pianhi anunciaram, há annos, a apparição de um pedaço de corrente de navio, perfeitamente fundida, encontrado numa das matas do municipio de S. Raymundo Nonato, ao sul do Estado. Isto fizeram com todos os visos de verdade, donde me fazer suppor que fossa levada ali dita corrente por alguma tromba marítima.

igreja feita de pedra, e que outros dizem feita de uma pedra só—edificação ainda do tempo dos jesuitas e que outros tambem julgam de edificação mais remota (4), que tem um quarto escuro extraordinariamente, onde ninguem pôde ainda penetrar, não obstante os esforços immensos que se tem tentado. Para isso benzem vellas no altar do Santissimo Sacramento, munem-se de lanternas, de agua benta, de cruzes, de imagens, padre e muita gente e procuram em romaria tocar até ao ponto desconhecido.

Ao atravessar certa porta, porem, donde sahe um vento frio, todas as lanternas se apagam, pelo que não é mais possível continuar a romaria. (5) Contam que ahi ha enormes riquezas, opinando alguis que é a entrada de un subterraneo cheio dos thesouros dos padres jesuitas.

O POÇO DO SURUBIM

Esta lenda, com quanto não seja propriamente do Piauhi, devo narral-a, unia vez que se acha muito espalhada pelas populações ribeirinhas do Parnaíba. Havia outr'ora no Parnaíba (6) uma especie de recanto, para cujo logar todas as aguas convergiam, formando uma especie de sorvedouro a que o povo chama *redimunho* (*redemoinho*), que atrahia todos os barcos, victimando barcas, canoas, balsas, (7) côxos (8) e todas as demais embarcações de madeira.

Em frente ao *poço do Surubim* está alterosamente o *Morro do Surubim*, do lado do Maranhão, na distancia de uma legua, com todas as bellezas que a natureza apresenta naquelas paragens. Dizem que o terreno que medeia do poço ao

(4) O sr. Jacome Avellino deu notícia, em 1886, ao *Instituto Histórico do Rio de Janeiro*, de uma cidade de pedra, a 5 leguas da villa de Piracuruca, do Piauhi, de forma completamente antiga, murada, de sete ruas, donde lhe vem o nome de *Sete Cidades*, com inscrições no centro e peças de artilharia.

(5) Lembro já ter ouvido de uma escuridão igual na furna do Ubajarra, no Estado do Ceará que é uma verdadeira maravilha e onde se encontram muitos stalactites e stalagmites, como na fura do Inferno em Mato-Gross, como na gruta do Fingal, na Irlanda e de que nos fala vivamente o bardo sentido de Ossian.

(6) A comissão de melhoramentos do rio Parnaíba fez um canal nesse ponto por onde passam hoje todos os barcos. Orvi um engenheiro dizer, o dr. Benjamin Franklin, que, sondando aquelle ponto, encontrou a profundidade de 7 metros.

(7) A *balsa* é uma embarcação feita de talos de buriti, para navegar-se somente rio abaixo.

(8) O *côxo* é uma pequena canoa feita de un só tórto de pau, muito facil de virar; vira com a menor pancada.